Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 28.4.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 619 / € 2,00 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

EX-COLÓNIAS NUNCA PEDIRAM RESTITUIÇÃO DE BENS A PORTUGAL

REPARAÇÃO HISTÓRICA

Até 2027 Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste vão beneficiar de um "envelope financeiro" de cooperação estratégica no valor de 1200 milhões de euros. Montenegro lembra a Marcelo que "reparação" segue "linha de Governos anteriores" PÁGS. 4-5



MUSEU DA RESISTÊNCIA

O Presidente da República inaugurou o novo museu, instalado na antiga cadeia de Peniche, onde estiveram 2626 presos políticos PÁG. 5

MIGUEL A. LOPES / LUSA

50 ANOS
O dia do regresso de Mário Soares ao país PÁGS. 6-7

IMIGRAÇÃO
Calma e segurança atraem americanos a Portugal PÁGS. 12-13

LISBOA
Comércio tradicional, "uma prioridade" de Carlos Moedas PÁGS. 8-9

AQUACULTURA
Projetos atingem recorde, mas setor critica obstáculos do Estado PÁGS. 14-15

HOJE GRÁTIS



ANDRÉ VILLAS-BOAS
UM NOVO FUTURO PARA O FUTEBOL CLUBE DO PORTO
ÚLTIMA



PROVA DE VIDA
IO APPOLLONI
Coração independente
PÁGS. 24-26

CATALUNHA
Arranque de campanha atribulado
PÁGS. 16-17



Editorial

Bruno Contreiras Mateus
Diretor interino do Diário de Notícias

Agora é o “choque” na habitação

Uma coisa tem em comum o discurso do Fundo Monetário Internacional (FMI), ao dizer que Portugal precisa de um aumento da oferta de habitação para responder a uma dificuldade que é transversal também a outros países, e o que considera o novo ministro das Infraestruturas e da Habitação, Miguel Pinto Luz, ao falar de um “choque de oferta” no mercado habitacional. Ambos falam de mais oferta, o que até aqui não surpreende ninguém.

Do ponto de vista discursivo, o Governo da AD corre, no entanto, o risco de cair em descrédito com uma certa banalização do termo “choque”, principalmente depois de toda a polémica em torno do chamado “choque fiscal”. Só depende do que conseguirá ou não fazer, porque não há dúvidas que é preciso o tal “choque” na oferta de casas para venda e arrendamento a preços acessíveis. Tudo isto tendo em conta os fluxos migratórios no território nacional, que pressionam mais algumas regiões do que outras.

Sem olhar para a demografia e o emprego, como dizia há pouco tempo o presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N), António Cunha, não se resolve o problema. E haverá outras questões não menos importantes em cima da mesa como o ordenamento do território, a igualdade de oportunidades no acesso à habitação, o investimento em infraestruturas e numa rede de transportes eficiente.

Quanto maior mobilidade as populações tiverem em redor das áreas metropolitanas, melhor. A procura por habitação fica menos concentrada. Mas não esquecer os meios rurais, onde muitas povoações estão isoladas, o que tem obrigado a fluxos migratórios maiores para os grandes centros urbanos, ou à deterioração das condições de vida destas populações, nomeadamente os mais vulneráveis, que ficam sem acesso a comércio, serviços, escolas, hospitais, emprego. A par da resolução do problema da habitação, o país precisa de políticas de coesão territorial e social.

A este respeito, o Programa do Governo da AD repete 66 vezes a palavra habitação, no documento de 196 páginas. Estão lá identificados os desafios do arrendamento, da construção de novas habitações e da mobilidade e estão apontados caminhos.

O Governo aprovou agora a nova orgânica para priorizar a execução de fundos europeus, a fixação de jovens ou responder às graves dificuldades no acesso à habitação. Neste último aspeto, cabe ao ministro definir prioridades e linhas de ação urgentes. Miguel Pinto Luz disse para não contarem com o Governo para o “jogo passa culpas” de que tudo foi mal feito no passado.

“Não, muita coisa está bem, outra tem de ser corrigida, outra tem de ser feita de forma diferente e outra não foi feita de todo.” Fica implícita nesta declaração alguma prudência de que a tutela não procura um “choque” com o principal partido da oposição, liderado por Pedro Nuno Santos, que conhece bem esta pasta. E mais: o ministro reconhece o “flagelo” (sinónimo de tormento, aflição, tortura) para muitos portugueses. Não faltam sinais de urgência, todos os partidos o sabem.

Pegar nas malas e partir para viver noutro país é uma decisão sempre difícil. Como sabemos, os baixos salários e a crise na habitação são para os portugueses dois grandes motivos que os empurram para a emigração. Mas há quem o faça com outras motivações. Miguel Pinto Luz conhece bem Cascais, onde foi vice-presidente da autarquia. Este é um município de eleição da imigração endinheirada norte-americana. Como contamos nesta edição (*págs. 12-13*), os preços elevados das casas não são problema para quem vende as suas moradias de férias na Florida e se instala aqui, junto ao mar, em segurança e com um Sistema de Saúde mais acessível do que nos Estados Unidos. Na reforma ou para trabalhar à distância, o nosso país oferece habitação mais barata do que no país de origem destes imigrantes – e eles têm reformas ou salários substancialmente mais elevados do que nós. Não devemos fechar as portas a ninguém, mas como sabemos, há várias formas de se olhar para o problema da habitação. E o Estado tem de procurar equilíbrios.

OS NÚMEROS DO DIA

2,5

MILHÕES
A falta de limpeza de terrenos agrícolas e florestais, para prevenir fogos rurais, já rendeu cerca de 2,5 milhões de euros em contraordenações, desde 2020, avançou fonte oficial da Guarda Nacional Republicana (GNR).

3

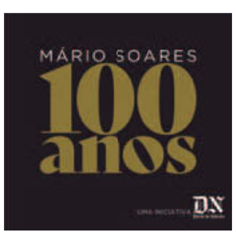
POR CENTO
O presidente russo, Vladimir Putin, estimou ontem um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) superior a 3% em 2024, o terceiro ano da guerra com a Ucrânia. “O estado atual da economia permite-nos melhorar as previsões”, referiu o líder do Kremlin, em reunião governamental.

33

MORTES
As autoridades sanitárias de Moçambique registaram 15 637 casos de cólera em praticamente seis meses, que provocaram já 33 mortos desde o início do atual surto.

1

PONTO
O piloto português Miguel Oliveira (Aprilia) terminou ontem na 9.ª posição a corrida *sprint* do Grande Prémio de Espanha de MotoGP, quarta ronda do Mundial deste ano, que foi conquistada pelo espanhol Jorge Martín (Ducati). Oliveira somou assim mais um ponto para o Campeonato (para 14 no total).



DN
Global Media Group
28.4.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, João Pedro Henriques, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

PUBLICIDADE



REPARAÇÃO

Ex-colónias “nunca” pediram devolução de bens culturais

POLÉMICA Montenegro lembra a Marcelo que segue “linha de Governos anteriores” e que “não esteve, e não está, em causa nenhum processo” de reparações. “Envelope financeiro” de cooperação estratégica, para os próximos anos, soma 1200 milhões de euros.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**



Presidente, na inauguração do Museu da Resistência no Forte de Peniche, defendeu que bens patrimoniais devem ser devolvidos e sugere perdão de dívidas.

MIGUEL A. LOPES / LUSA

Marcelo Rebelo de Sousa pediu, reforçando o discurso da “reparação”, que se faça o levantamento dos bens patrimoniais das ex-colónias em Portugal para devolução – “continuar esse processo” –, que é “uma questão que tem de ser tratada pelo novo Governo [em particular por Dalila Rodrigues, ministra da Cultura], em respeito com as funções executivas do Governo e tem de ser tratada em contacto com esses Estados”.

Em 2018, por exemplo, Carolina Cerqueira, na altura ministra da Cultura de Angola, falava de uma “intenção” e do ser “imperioso que a diplomacia angolana em colaboração com o Ministério da Cultura e outros departamentos ministeriais, possa dar início a consultas multilaterais com vista a regularizar a questão da propriedade e da posse, por um lado, e, por outro lado, da exploração dos bens culturais angolanos no estrangeiro”.

Dois anos mais tarde, em fevereiro, Filipe Zau, o novo ministro angolano da Cultura, dizia ser esta uma questão a “resolver a seu tempo”. “Vamos ter, entre essas [temáticas], muitas outras coisas a nível bilateral para discutir. Essa será possivelmente uma que, na oportunidade, se cair em agenda, nós iremos discutir”, afirmou então.

No entanto, e apesar das declarações públicas e das várias reuniões entre Portugal e Angola, a questão “nunca” foi “colocada”, nem “abordada” pelo Estado angolano.

Segundo apurou o DN junto de anteriores e atuais governantes, nem Angola, nem Moçambique, nem Cabo Verde, nem São Tomé e Príncipe, nem Guiné-Bissau e nem sequer o Brasil fizeram qualquer pedido de “restituição” de património cultural presente em museus portugueses.

“Nunca houve qualquer pedido de devolução”, asseguram as fontes contactadas pelo DN. E a questão não é não ter havido “pedidos nos últimos anos, nunca houve qualquer solicitação, formal ou não, de restituição do que quer que fosse”.

A insistência e a resposta

O Presidente da República, que ontem insistiu na “reparação” às ex-colónias, aponta agora ao Governo de Luís Montenegro várias “formas de reparar” esse passado, desde “o perdão de dívidas, a cooperação, a concessão de linhas de crédito e de financiamento” porque, justificou, “pedir desculpa é uma solução fácil para o problema”.

Na véspera do 25 de Abril, Marcelo, tinha sido contundente ao dizer que “temos de pagar os custos” do colonialismo, deixando duas perguntas diretas – “há ações que não foram punidas e os responsáveis não foram presos? Há bens que foram saqueados e não foram devolvidos?” – e um “vamos ver como podemos reparar isto”.

O Governo [e também PS, PSD e CDS] que esteve três dias em silêncio, decidiu ontem reagir às insistências “constantes” do Presidente da República.

“A propósito da questão da reparação a esses Estados e aos seus povos pelo passado colonial do Estado português, importa sublinhar que o Governo atual se pauta pela mesma linha dos Governos anteriores. Não esteve, e não está, em causa nenhum processo ou programa de ações específicas com esse propósito”, garante o Executivo em comunicado.

Ao DN, fonte governamental questiona o facto de “um Presidente publicamente intervir” em matérias da “competência de um Governo” sugerindo um polémico “perdão de dívidas” como “reparação” ao mesmo tempo que mistura nessa ideia “a concessão de linhas de crédito e de financiamento” – que “já existem” – e “a cooperação” que tem sido, tal como refere o comunicado, “cada vez mais intensa e estreita, assente na reconciliação de povos irmãos”.

O Executivo de Montenegro, que não tinha “intenção” de responder publicamente a Marcelo Rebelo de Sousa, recorda, agora, ao Presidente que “as relações do povo português com todos os povos dos Estados que foram antigas colónias de Portugal são verdadeiramente excelentes, assentes no respeito mútuo e na partilha da História comum” e que o Estado Português “tem tido gestos e programas de cooperação de reconhecimento da verdade histórica com isenção e imparcialidade”.

E, noutro apelo à memória, é lembrada “a assunção do contributo decisivo da luta desses povos pela sua independência para o fim da ditadura ou o pedido de desculpas pelo trágico Massacre de Wyriamu”; o recente financiamento de 34 milhões de euros para a construção do Museu da Luta de Libertação Nacional de Angola; a musealização do Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde; e a recuperação da rampa dos escravos na Ilha de Moçambique – sendo que, sabe o DN, o que estava inicialmente previsto, por proposta do Governo de Maputo que “entretanto mudou de ideias”, era a reabilitação da Vila Algarve, antiga sede da PIDE.

Por fim, é “esclarecido” ao Presidente, que a tudo isto, acresce “a prioridade dada às políticas gerais de cooperação e à sua materialização em áreas tão significativas como a Educação, a formação, a

língua, a cultura ou a promoção da Saúde, para além da cooperação financeira, orçamental e económica".

1200 milhões

Ora, a "reparação" de que Marcelo fala, sustentam fontes do anterior Governo, já tem "anos e anos" e está refletida na promoção, financiamento, cofinanciamento e na execução de "dezenas e dezenas de programas e projetos" nos PALOP e Timor-Leste que nos Programas Estratégicos de Cooperação (PEC), até 2027, somam quase 1200 milhões de euros – 70 milhões para Timor-Leste, 60 para São Tomé e Príncipe, 170 para Moçambique, 19 para a Guiné-Bissau, 95 para Cabo Verde e 750 milhões para Angola.

No programa negociado entre Portugal e Angola, por exemplo, ficou negociado que "a cooperação portuguesa identifica como envelope financeiro indicativo, sujeito a revisão anual, para os cinco anos do PEC, o montante de 550 milhões de euros, dos quais 500 milhões em linhas de crédito e 50 milhões para programas, projetos e ações a identificar, que será ulteriormente alocado, pelos setores de intervenção prioritários. Poderá ainda ser usado, na vigência do presente PEC, o montante remanescente de 200 milhões de euros da linhas de crédito do PEC anterior, perfazendo o total de 750 milhões de euros".

É recordado ainda que o que foi negociado "está alinhado com as prioridades estabelecidas pela parte angolana, como o desenvolvimento do capital humano, a geração de emprego, o apoio ao empreendedorismo, a modernização das infraestruturas e a diversificação da economia, tendo também em consideração o dividendo demográfico do país", e que se "continua a privilegiar as áreas tradicionais como a Educação, a Saúde, a Justiça e a segurança" e "avançar com a promoção da cooperação em novas áreas, como o turismo, a modernização administrativa e a cooperação com o setor privado".

Outro dado: o facto de o anterior Governo ter aumentado a linha de financiamento a Angola para dois milhões [mais 500 milhões do que a anterior] e a existência de quase 700 milhões de euros de dívidas a empresas portuguesas. "Convém que o Presidente tenha presentes todos os dados", refere, ao DN, fonte do anterior Executivo socialista.

A cooperação, tal como a refere Marcelo, já está nos "setores de intervenção" que vão desde a "Educação, Saúde, Justiça, segurança, Defesa, infraestruturas, à Agricultura", entre outras áreas, e que são "transversais", a todas a ex-colónias, nos Programas Estratégicos assinados com Timor-Leste, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Angola.

artur.cassiano@dn.pt

Programas Estratégicos de Cooperação

A ajuda pública ao desenvolvimento é definida em função de programas e políticas de cooperação. De todos, a Guiné-Bissau é o que recebe o menor envelope financeiro (19M€).

750

Angola Para além do montante de 550 milhões de euros, dos quais 500 milhões serão disponibilizados em linhas de crédito, acresce um remanescente de 200 milhões do programa anterior.

170

Moçambique 80 milhões de euros estão destinados aos setores da Educação, Saúde, Segurança e Defesa, entre outros. Outros 80 servem para programas de apoio ao investimento. Há ainda 10 para um fundo empresarial.

95

Cabo Verde A execução dos programas, projetos e ações de cooperação até 2026 tem alocados 95 milhões de euros para promover o desenvolvimento e a melhoria das condições de vida da população.

70

Timor-Leste É o valor destinado à consolidação do Estado de Direito, Educação, Formação e Cultura e para o Desenvolvimento Socioeconómico Inclusivo em resposta às solicitações de Timor-Leste.

60

São Tomé e Príncipe Para promover o desenvolvimento das instituições santomenses e apoiando a melhoria das condições de vida da população estão destinados 60 milhões de euros.



RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS

Museu da Resistência inaugurado

Às 15.00 horas de ontem, resistentes antifascistas subiram ao Forte de Peniche – antiga prisão política transformada em Museu da Resistência, inaugurado neste sábado – ao som de *Grândola Vila Morena*. A recebê-los no portão por onde saíram, há 50 anos, os últimos presos políticos, estava Marcelo Rebelo de Sousa, de cravo ao peito, rodeado pela multidão. Nesta cadeia estiveram presos 2624 homens e duas mulheres (nomes conhecidos e esculpidos numa placa à entrada do forte) que foram condenados a penas duras pelos seus ideais.

Restituição de património histórico é realidade na Europa

TABU Em Portugal o tema causa polémica, mas noutros países já existem ações práticas, com devolução de peças a África.

TEXTO **AMANDA LIMA**

"Devolve nosso ouro" é uma famosa frase dita por brasileiros aos portugueses, em referência ao ouro levado por Portugal durante o período colonial – estimado por historiadores em quase 900 mil toneladas. A expressão, usada em tom de brincadeira – até mesmo por Flávio Dino, atual ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) – tem por trás uma discussão que começa a ganhar forma no país: a reparação histórica pelos danos causados por anos e anos de colonização portuguesa pelo mundo. O tema ainda causa polémica, facto comprovado pelo impacto da declaração do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa sobre o assunto.

"A repercussão sobre a declaração mostra que o passado continua sendo um tabu em Portugal", afirma ao DN a jornalista da Reuters Catarina Demony, que fez a pergunta ao Presidente. Se em Portugal o tema ainda é polémico e com poucos consensos, em outros países europeus esta fase já passou e está no plano das ações concretas há anos. Ainda em 2017, a França começou o debate sobre a devolução de peças históricas ao Benim, facto concretizado em 2021. A mesma nação, hoje correspondente ao território da Nigéria, teve objetos devolvidos também do Museu de Londres e da Alemanha. Os germânicos restituíram ainda artefactos à Namíbia e pediram "perdão" ao povo da Tanzânia pela colonização.

Os Países Baixos também efetuaram a devolução de bens da Indonésia e Sri Lanka. A Suíça entregou ao Egito 32 objetos culturais em 2018 e o Governo italiano ensaia fazer o mesmo com peças africanas. O Museu Britânico e o Museu Victoria e Albert estão a ser pressionados para seguir o exemplo europeu. A iniciativa começou tímida: 32 peças de ouro e prata serão devolvidas ao Gana – mas só por seis anos.

A Alemanha, juntamente com França, deram um passo além em janeiro passado. Os dois países vão destinar 2,1 milhões de euros para investigar itens de antigas colónias que estão nos seus museus públicos. O objetivo é realizar devoluções futuras.

Reivindicações formais

Pelo mundo, há quem já esteja a reivindicar. A Comunidade do Caribe (Caricom), formada por 20 países, elaborou um plano com dez medidas do que chamam de "justiça reparatória" dos Governos europeus. A lista inclui um pedido de desculpas formal, repatriamento de descendentes de escravos, ações de combate à crise na Saúde Pública, reabilitação psicológica, erradicação do analfabetismo, transferência tecnológica e cancelamento de dívidas internacionais, entre outros.

Em África, Nana Akufo-Addo, presidente do Gana, está a liderar o mesmo debate e pediu união dos demais líderes africanos. "Não há dinheiro que consiga reparar os danos causados pelo tráfico transatlântico de escravos e as suas consequências. Mas esta é certamente uma questão que o mundo tem de enfrentar e não pode continuar a ignorar", frisou.

Um movimento que também existe em Portugal. Em junho de 2023, após a *Oficina da Reparação*, foi lançada a *Declaração do Porto: reparar o irreparável*, com 20 exigências. Entre elas está o reconhecimento pelo colonialismo, a instituição de uma *Carta de Princípios Antirracistas* na Função Pública, a criminalização do racismo, a implementação de políticas públicas de combate à desigualdade racial, a descolonização de materiais escolares e do hino nacional. A isenção de propinas s para alunos provenientes dos países e territórios colonizados por Portugal e a restituição de objetos retirados de ex-colónias também integram a lista de exigências.

amanda.lima@globalmediagroup.pt



O *Comboio da Liberdade* faz 50 anos

REGRESSO Hoje, a família Soares celebra a data: 28 de abril de 1974 – Mário Soares era o primeiro exilado político a chegar a Portugal após a Revolução. Em Santa Apolónia, esperava-o uma multidão. Em casa, familiares e amigos. Olinda Alves lembra-se de que, nessa noite, serviu ao jantar bife com batatas fritas e ovo estrelado.

TEXTO
ALEXANDRA TAVARES-TELES

Era 28 de abril de 1974, um domingo. Por volta da hora de almoço, ao fim de 24 horas de viagem, o *Sud-Express* entrava na estação ferroviária de Santa Apolónia, em Lisboa. O comboio trazia a bordo o primeiro exilado político a chegar ao país após o fim da ditadura, derrubada apenas três dias antes pelo Movimento das Forças Armadas.

Mário Soares estava exilado desde 1970, em Paris, e na oposição ativa desde meados dos Anos 40. Preso por diversas vezes, foi deportado em 1968, por ordem de Salazar, para São Tomé. Com apenas 49 anos de idade em 1974, contava já 32 de oposição ao regime.

Com Mário Soares veio Maria de Jesus Barroso, sua mulher. Também o acompanhavam Francisco Ramos da Costa e Manuel Tito de Morais, camaradas de exílio e fundadores do Partido Socialista havia pouco mais de um ano (19 de abril de 1973) em Bad-Munstereifel, na República Federal da Alemanha.

À espera do secretário-geral do PS estava uma multidão de anónimos empunhando cartazes. Figuras da oposição ao regime: Hermínio da Palma Inácio, preso político recentemente libertado, a viúva de Humberto Delgado, o candidato da oposição à Presidência da República durante o regime deposto, assassinado pela PIDE; os advogados Vasco da Gama Fernandes, Francisco Sousa Tavares e Salgado Zenha. Entre muitos outros.

Emersas no mar de gente, três presenças especiais, um trio de jovens de 24, 23 e 25 anos, respetivamente: João e Isabel, filhos de Mário Soares e Maria Barroso e o sobrinho Eduardo Barroso, aguardando com emoção os primeiros abraços em liberdade.

É 28 de abril de 2024. 50 anos depois, domingo de novo. João, de 74 anos, Isabel, de 73, e Eduardo, de 75, recordam aquele primeiro dia com um almoço, junto à Estação de Santa Apolónia. "É um almoço íntimo: eu, a minha irmã, o meu primo e as nossas famílias, para celebrar a chegada dos meus pais a Portugal há meio século", diz João Soares.

Comboio atrasado

No dia 25 de Abril, Soares estava na Alemanha, em Bona, a convite do SPD, para uma audiência com o chanceler Willy Brandt. Avisado por telefone do levantamento militar, regressou de imediato a Paris, daí partindo para Lisboa, logo no dia 27. "A partir do 25 de Abril, fomos falando várias vezes ao telefone", recorda o filho. Não tantas quantas desejariam: "Naquela altura não era fácil. Era preciso pedir ligação à telefonista", recorda.

> O *Comboio da Liberdade* – nome por que ficou conhecido – não cumpriu a tabela. Entre Vilar Formoso e Lisboa foram várias as paragens, motivadas pelo entusiasmo popular que o acompanhava. A cada paragem, Soares saía e juntava-se à população."

O *Comboio da Liberdade* – nome por que ficou conhecido – não cumpriu a tabela. Entre Vilar Formoso e Lisboa foram várias as paragens, motivadas pelo entusiasmo popular que o acompanhava. A cada paragem, Soares saía e juntava-se à população, "que festejava a liberdade e o seu regresso a Portugal", diz Isabel Soares.

Em Santa Apolónia, a polícia militar tentava suster a população. Bandeiras portuguesas, cartazes – "Paz, Pão. Liberdade", "Abril em Portugal", "Igualdade e



Santa Apolónia encheu para receber Soares

O atraso do *Sud Express* não demoveu as centenas de pessoas que esperavam Mário Soares na Estação de Santa Apolónia a 28 de abril de 1974, com cartazes e bandeiras portuguesas e os que seguiram o seu Renault 16 por Lisboa. Exilado desde 1970, foi o primeiro político que vivia no estrangeiros a regressar ao país após a Revolução, ocorrida três dias antes. No seu discurso traçou os objetivos imediatos: "Organizar a democracia e por fim à Guerra Colonial."





ARQUIVO DN

liberdade". Um dos presentes erguia um cravo e *Escritos Políticos*, livro de Soares editado em 1969 e apreendido pela PIDE. Gritava-se "socialismo". Cantava-se o hino nacional.

Da varanda do 1.º andar da estação, Soares acenava para um largo a abarrotar. O gesto largo e generoso, o V de vitória. No parapeito, equilibravam-se fotógrafos. "Este é um dia memorável. As minhas primeiras palavras são para aqueles que ainda aqui não se encontram, e que ainda não têm a felicidade de estar aqui a viver este momento emocionante", gritava, de megafone na mão.

"Quero dizer uma palavra para as Forças Armadas. Restituíram a voz e a alegria ao povo português, facto histórico que não podemos esquecer. Mas é agora ao povo, aos trabalhadores, que compete a tarefa principal: organizar a democracia e pôr fim à Guerra Colonial". Ideia repetida, pouco depois, a jornalistas portugueses e franceses: "Vamos ajudar a Junta (de Salvação Nacional) no que pudermos, no restabelecimento das liberdades e para pôr um rápido termo à Guerra Colonial."

De Santa Apolónia, Mário Soares seguiu de imediato para o Palácio da Cova da Moura, quartel-general da Junta de Salvação Nacional. Esperava-o o General Spínola.

A família chegou a custo ao Renault 16 *bordeaux*. João Soares ia ao volante. No banco da frente, Isabel e Eduardo. Atrás sentaram-se Maria de Jesus Barroso e Mário Soares. Com o vidro da janela aberto, Mário ia acenando à população. Na Avenida Infante Santo gritava-se "vitória".

A reunião com Spínola foi breve. "Quinze, vinte minutos", conta Isabel.

Mário Soares deixou o palácio quando a multidão declamava a palavra de ordem: "O povo unido jamais será vencido." A família seguiria para a casa do Campo Grande.

Uma festa muito bonita

Isabel Soares recorda um dia "lisboeta": "Estava quente, havia sol e uma luz fantástica." Um dia "extraordinário".

A tarde ia a meio quando chegaram ao Campo Grande. À família logo se juntaram os amigos. "Um rodopio de telefonemas e de visitas", em festa espontânea. "Estavam todos os grandes amigos dos meus pais. Creio que os primeiros a chegar foram o José Manuel Galvão Teles e a mulher, que eram nossos vizinhos", recorda Isabel.

Olinda Alves trabalhava em casa do casal Soares. "Para os que gostavam muito daquela família, foi uma festa", diz. Começou por ser funcionária do Colégio Moderno. Quando uma das empregadas domésticas saiu, foi ajudar a família. "Ia para ficar pouco tempo, acabei por ficar para sempre." Nascida em 1941, em Garganta, São Martinho de Anta, a transmontana recorda "os meninos". "Quando fui para lá, eram crianças. Brinquei muito com eles."

Tem saudades desses anos. "Muitas, imensas". Do dia a dia na casa do Campo Grande, das temporadas em Nafarros, Sintra. "Estive com a família até partirem. Hoje tenho os filhos, que me tratam muito bem. Estiveram sempre comigo." E Olinda com eles, "em todos os momentos". "Foi uma família muito sacrificada pela PIDE."

Olinda testemunhou a felicidade do regresso: "Recordo-me de tudo." O que serviu ao jantar? "Gostavam muito da minha comida. Dos meus pastéis de bacalhau com arroz de feijão. Naquele dia, fiz um prato que o pai e os filhos adoravam: bifes com batatas fritas e ovo estrelado." Em liberdade.

alexandra.t.teles@dn.pt



Opinião
José Mendes

A luz de Aguiar Branco

A derradeira semana dos últimos 50 anos foi uma espécie de tragicomédia. Neste inesperado epílogo das *Bodas de Ouro* da democracia portuguesa, onde quase nenhum dos atores políticos esteve bem, emerge uma honrosa exceção: José Pedro Aguiar Branco, o presidente da Assembleia da República e segunda figura do Estado.

O encontro do Presidente da República com os jornalistas estrangeiros acreditados em Portugal lançou, da pior forma, as comemorações do 25 de Abril. Entre o corte de relações com o seu filho, a descrição do estilo do atual e anterior primeiros-ministros e a necessidade de compensação dos pecados do passado colonialista do país, Marcelo Rebelo de Sousa determinou o pano de fundo que iria marcar a sessão solene.

No Palácio de São Bento, os discursos sucederam-se e causaram espanto. A manhã que se esperava de festa ficou indelevelmente marcada por um inenarrável tom de desunião nacional, em que os partidos dos extremos se entregaram a um dos desportos que mais cresce entre nós: o tiro ao Presidente.

Esta forma de celebrar o especial dia do cinquentenário da *Revolução dos Cravos* foi bem o espelho do ponto a que chegou a política nacional. A ponderação do modo, do tempo e do lugar, que distingue os políticos finos dos feirantes da política, tornou-se um luxo em terras lusitanas. Qualquer facto, independentemente da sua importância, relevância ou solenidade, dá lugar a uma fila de deputados porta-voz, que, à vez, debitam as suas mensagens repetidas e repetitivas, fazendo corar de vergonha as paredes dos Paços Perdidos. Antes de abrirem a boca, já se adivinham o conteúdo e o tom. Nunca nos surpreendem, porque carregam a cassete dos cartilheiros.

Nesta *Liga dos Últimos* em que se transformou a nossa política, especialmente no Parlamento, existe uma luz de esperança. O presidente de todos os deputados, Aguiar Branco, tem sido o príncipe encantado que salva a honra do órgão, uma espécie de boia de salvação a que muitos, incluindo eu, se agarram na tentativa de manter a convicção de que nem tudo está perdido.

Já na sua eleição, Aguiar Branco tinha mantido a serenidade de um homem de Estado, apesar da forma desastrosa como o seu partido geriu o processo. O seu discurso inaugural foi positivo e agregador, não denotando qualquer ressentimento. No exercício – ainda breve – da função, tem atuado com a equidistância que o cargo reclama. Nas entrevistas que concedeu, mostrou-se sereno, culto e simpático, não embarcando na deriva propagandística que parece ser o novo normal.

Mas não se pense que de Aguiar Branco apenas chegarão palavras neutras. No 25 de Abril, desfilou avenida abaixo, mostrando que o dia da libertação tanto é da esquerda como da direita, que é uma celebração da democracia que a todos os portugueses diz respeito. E no dia seguinte afirmou, em entrevista à Antena 1, que a procuradora-Geral da República deveria ir ao Parlamento prestar esclarecimentos sobre a atuação recente do órgão de Justiça que dirige. Fê-lo com a normalidade de quem não alimenta teorias da conspiração, apenas reclamando uma melhor comunicação por parte de Lucília Gago, no natural respeito pela separação dos poderes.

Não será certamente com semanas destas que a nossa democracia avançará. Aos nossos representantes pede-se mais respeito pela República e pelos portugueses. Podem sempre encontrar inspiração no presidente do Parlamento.

Professor catedrático

Comércio tradicional sobrevive em Lisboa. Carlos Moedas: "É uma prioridade"

TRADIÇÃO Drogarias, peixarias, mercearias portuguesas, talhos, frutarias são raridades nas ruas da capital. O presidente da câmara garante conhecer as dificuldades dos pequenos comerciantes e revela que está a desenvolver uma estratégia para os aproximar dos residentes.

TEXTO **ISABEL LARANJO** FOTOS **LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS**









O comércio tradicional vai-se mantendo em algumas ruas de Lisboa. Em cima, o Mercado da Morais Soares e a Drogaria Adriano, em Benfica. Em baixo, a peixaria Pensamento do Mar, em Alcântara. Na mesma freguesia fica ainda o talho Central de Alcântara e a frutaria Maçãs de Adão. No Bairro Alto entrámos na Mercearia do Pai Júlio.

"Tenho de tudo. Ceras antigas, branqueador para a roupa, bicarbonato, borato, sabão em barras grandes, torradeiras de pôr em cima do bico do fogão. Quando alguém não encontra o que quer vem aqui. Os clientes dizem que vêm ao 'tem tudo'", conta Adriano Carvalho, 62 anos, dono da Drogaria Adriano, em Benfica, Lisboa.

Uma loja que parece um museu. Por ali há a tradicional água de colónia *Lavanda*, sabonetes e cremes de antigamente, para além da tradicional pasta dentífrica medicinal *Couto* – esse clássico! Não falta a tradicional pedra *444*, marca portuguesa fundada nos Anos 50, usada pelos mais velhos para passar no rosto após o barbear e estancar, imediatamente, qualquer pingo de sangue. Há pouco tempo voltaram os desodorizantes em *stick* dentro de frascos de vidro, tão usuais nas últimas décadas do século XX.

E o que não cabe nas prateleiras da drogaria, tal como se via há décadas, está pendurado no teto. "O negócio vai andando. Não podemos esticar muito os preços, que é para andar", explica Adriano." Temos a concorrência dos supermercados, mas há muitos produtos, como detergentes, que vendemos mais barato. Além disso, temos outras coisas que eles não têm: os cimentos, os ácidos muriáticos, a soda cáustica, diluentes."

Porém, de facto, o comércio tradicional está a desaparecer aos poucos. "Haver uma loja que seja só drogaria é difícil de encontrar, está tudo a desaparecer", avança o dono da casa. E os que ficam sobrevivem com dificuldades. "Lá vou andando... Já houve alturas em que foi melhor", garante o comerciante.

Carlos Moedas, presidente da Câmara Municipal de Lisboa (CML) sabe disso. "O comércio de proximidade é uma prioridade deste Executivo. Com efeito, e porque os desafios são visíveis, temos procurado incrementar a defesa do comércio que é identitário da cidade e que contribui para a nossa memória coletiva", começa por dizer ao DN. "Queremos preservar e salvaguardar os estabelecimentos e o seu património material, histórico e cultural, e, por outro lado, dinamizar e reativar a atividade comercial, essencial para a sua existência."

Carlos Moedas está focado não só no *Programa das Lojas com História*, mas também em apoiar estes pequenos comerciantes de bairro. "Estamos empenhados em conseguir novas respostas. A título de exemplo, a câmara está a trabalhar na elaboração de um novo regulamento para o *Programa das Lojas com História*. E, numa perspetiva mais abrangente, a autarquia está a desenvolver uma nova estratégia para a economia de proximidade, onde procura, por diferentes meios, e de acordo com o conceito da *Cidade dos 15 Minutos*, ter uma Lisboa aberta e que serve, eficazmente, as necessidades dos seus residentes."

O presidente da câmara garante que tem algum contacto direto com estes lojistas. "Sei bem, porque converso nas ruas com muitos comerciantes, as dificuldades que sentem no seu dia a dia e o esforço que fazem para manter os seus espaços a funcionar e a servir a população nos seus bairros. Agradeço essa dedicação e muitas vezes o verdadeiro serviço público que prestam nas comunidades onde estão inseridos", realça Carlos Moedas.

De facto, muita da clientela é composta por população idosa, que ainda reside na cidade. "A nossa clientela é mais velha. É o tipo de cliente que ainda se preocupa em falar com o empregado de balcão, perguntar-lhe sugestões. Temos muitos clientes que são fieis desde que a loja abriu", avança Sérgio Fernandes, 47 anos, um dos sócios do Mercado da Morais Soares, uma pe-









quena praça onde há secção de talho, frutaria, charcutaria e cafetaria.

O negócio vai-se mantendo "com muito esforço. E também com muitas horas de trabalho. Se não fosse assim, devido às ofertas que há nas grandes superfícies, éramos completamente esmagados".

Em Alcântara encontrámos a peixaria Pensamento do Mar. Outra raridade, numa época em que a maior parte do pescado é vendido nos híper e supermercados ou nas praças. "Temos todo o tipo de clientela, de todas as classes sociais, e todos os clientes são importantes", afiança



"A autarquia está a desenvolver uma nova estratégia para a economia de proximidade onde procura (...) ter uma Lisboa aberta e que serve (...) as necessidades dos seus residentes."

Carlos Moedas
Presidente da CML

Tânia Antunes, 35 anos, que sempre foi peixeira. "Já trabalho com peixe há 20 anos, comecei com a minha tia que vendia no Mercado da Quinta do Conde [Sesimbra].

De volta à clientela, a peixeira explica: além dos mais velhos, "temos pessoas mais novas, aquelas que não sabem comer peixe e vêm com muita curiosidade para comer peixe. Nós, deste lado, também estamos aqui para ensinar e aconselhar. O peixe não é só para cozer, grelhar e fritar, há muitas maneiras de o cozinhar", afiança Tânia, que tem na sardinha o seu peixe preferido. Este é, aliás, o produto mais vendido, "quando é a sua época".

Nesta mesma Freguesia de Lisboa fica o Talho Central de Alcântara. Por aqui, o negócio corre bem e a loja tem nove empregados, para dar conta das vendas ao balcão, mas também das encomendas para fora. "Vive-se bem com este negócio, aliás tenho outro talho, no Largo do Calvário, também aqui em Alcântara", revela Henrique Machado, 50 anos, o dono do negócio.

Para chegar a esta posição de sucesso, Henrique começou a trabalhar muito jovem. "Vim para os talhos com 13 anos. Aprendi a ser cortador. Aos 25 anos comprei os meus talhos. Quando era mais novo queria era ganhar alguma coisa para depois vir a ter um negócio."

O segredo para o sucesso parece simples. "Procuramos ter mais qualidade e um atendimento personalizado. É muito diferente de um supermercado", avisa. "Explicamos ao cliente o que é melhor, temos os preparados [carnes prontas a cozinhar, já temperadas] para as pessoas mais novas que não têm tanta vontade de cozinhar, e explicamos como preparar a carne", afirma Henrique Machado que, à sua mesa, prefere "a carne de vaca, que tem de ser gorda, e a de porco". Também nos talhos de Henrique o grosso da clientela "são pessoas mais velhas, muitas que residem próximo dos talhos. Mas também temos outros clientes, fazemos entregas".

Basta atravessar a rua para entrarmos na frutaria Maçãs de Adão. O aroma adocicado das frutas espalha-se pelo ar, numa loja bem arrumada e colorida. "Este comércio agora não é muito fácil por causa da concorrência. Basicamente, em cada esquina, há um comércio alimentar. É bom para o consumidor, mas para quem tem a responsabilidade de pagar as contas ao fim do mês não é fácil", lamenta Luís Alves, 59 anos, um dos sócios.

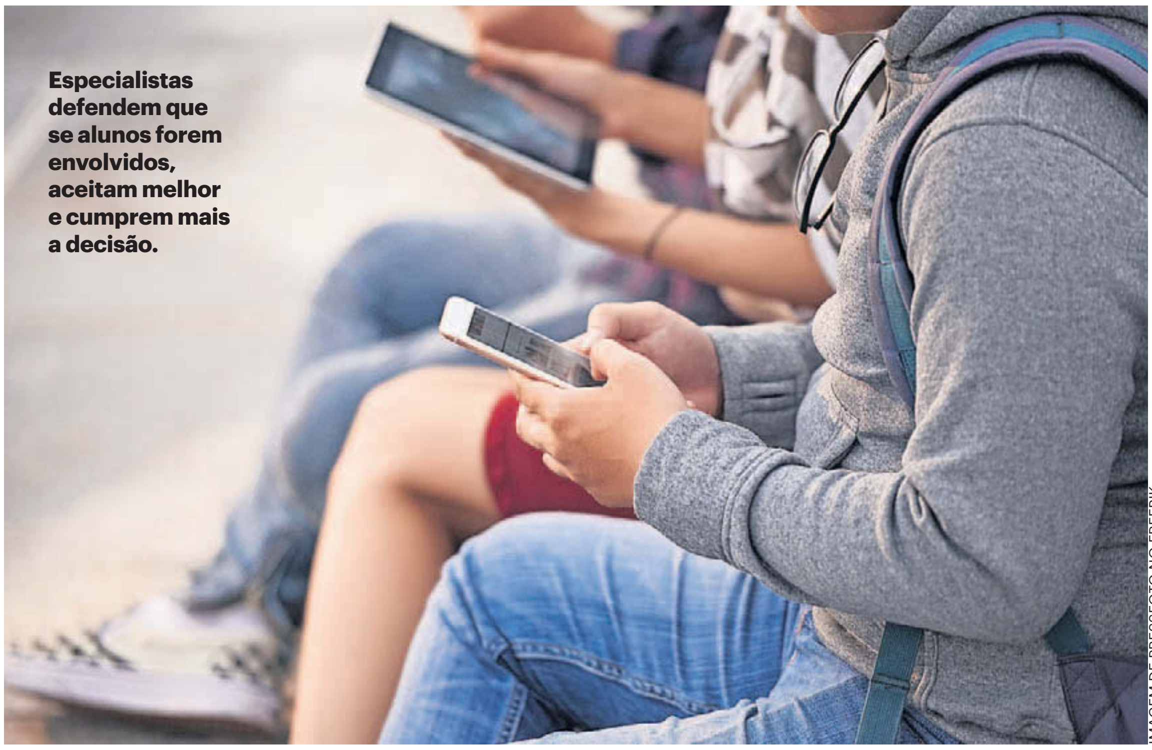
Luís herdou a sua quota da frutaria do pai, já falecido. E aponta as vantagens do comércio tradicional. "É provável que no hipermercado haja algumas coisas mais baratas, mas aqui o atendimento é personalizado: já sabemos o que é que cada cliente quer, de que maçãs é que gosta", argumenta. Além disso, acrescenta: "Temos alguns produtos que os hipermercados não conseguem ter, de pequenos produtores, com muita qualidade, com quem temos parcerias há muitos anos. São pessoas que têm ali uns moranguinhos daquele sítio, que são muito bons, e que nunca vão vender aos hipermercados porque não têm grande quantidade."

O sócio da frutaria explica, ainda, como são feitas as compras para a loja, garantindo melhor qualidade. "Nós vamos ao mercado e selecionamos a flor das frutas. Um hipermercado tem de comprar dez paletes de cerejas, para a central de compras, e depois distribuir pelas lojas. Nós vimos lá dez paletes e escolhemos, entre elas, as melhores dez caixas de cerejas para trazer para a loja. O consumidor pode pagar um pouco mais, mas quem gosta de qualidade sabe que encontra aqui."

De Alcântara o DN vai até ao Bairro Alto. É no coração deste bairro histórico da cidade, famoso pela vida noturna, que encontramos uma das raras mercearias geridas por um português. Hoje, recorde-se, estes comércios estão nas mãos, sobretudo, de imigrantes asiáticos. "Tenho tudo. Desde leite à farinha, o açúcar branco, a massinha, a estrelinha para a canja, conservas a preço acessível. Depois tenho também a parte mais turística", explica Júlio da Silva, 54 anos, dono da Mercearia do Pai Júlio, na Rua do Diário de Notícias.

Imitando tempos antigos, à mercearia juntou umas mesas e também serve vinhos e petiscos. "Copiei o que se passava nos Anos 80. Continuo a ter tudo de mercearia, latas de feijão, salsichas e leite. Depois tenho a tasca com salgados, tapas, conservas abertas, vinho a copo, imperial. E trabalhamos um bocadinho com o turismo. É a única maneira de sobreviver aqui, nesta zona da cidade, onde há mais turismo", finaliza o merceeiro.

isabel.laranjo@dn.pt



Especialistas defendem que se alunos forem envolvidos, aceitam melhor e cumprem mais a decisão.

IMAGEM DE PRESSFOTO NO FREEPIK

Proibir telemóveis nas escolas sem ouvir os alunos não é solução

BEM-ESTAR DIGITAL Tema vai ser discutido numa conferência internacional, a 3 e 4 de maio, na Fundação Cupertino de Miranda.

A proibição dos telemóveis nas escolas sem ouvir os alunos é criticada por alguns especialistas, que defendem que os jovens podem ajudar a encontrar as melhores soluções para os manter ligados tanto à escola como à internet.

Em declarações à Agência Lusa a propósito da *Semana do Bem-Estar Digital*, que arranca amanhã, o especialista em uso de tecnologias de informação por crianças e jovens e fundador do projeto *MiudosSegurosNa.Net*, Tito de Morais, considerou que o melhor é sempre ouvir os jovens primeiro, antes de qualquer decisão. Até para os responsabilizar e levar a cumprir a decisão.

Também Cristiane Miranda, que tem mais de 20 anos de experiência nesta área e é mentora do projeto *Teen On Top – Coaching para Jovens*, defende: "Achamos que [proibir] não é melhor solução."

"Não é a melhor solução dizer que o Estado tem de vir regulamentar e proibir pura e simplesmente o uso do telemóvel nas escolas", afirmou a especialista, acrescentando: "Quando vamos às escolas e falamos com os alunos, eles têm muito para dizer e têm soluções."

E explica: "Cada escola é soberana para decidir o que deve fazer, mas ouvindo todos os intervenientes, desde os professores, pessoal docente, pessoal não-docente e os próprios alunos, e ver quais são as melhores soluções."

A especialista contou ainda uma das conversas com um dos jovens de uma escola que o projeto visitou. "Perguntámos se devia ser proibido e o jovem respondeu: 'Depende do tempo. Quando está sol, podemos estar lá fora, correr, jogar à bola e fazer outras coisas, mas quando chove temos de ficar dentro do pavilhão e não podemos falar, temos de ficar aqui sentados e ninguém nos deixa fazer nada e aí temos de usar os telemóveis'."

Insiste que, quando os jovens são envolvidos na solução, "aceitam-na melhor e aderem para cumpri-la". Além disso, afirma, "se apenas proibirmos também não os ensinamos a usar bem estas tecnologias".

Este tema vai ser alvo de discussão na conferência internacional que decorre nos dias 3 e 4 de maio na Fundação Cupertino de Miranda, no Porto), no âmbito da *Semana do Bem-Estar Digital*.

O debate sobre o uso dos telemóveis nas escolas contará com a presença de representantes da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), da Confederação Nacional das Associações de Pais e de Mónica Pereira, autora de uma petição que pede o fim dos telemóveis nos recreios do 5.º e do 6.º ano e que já foi assinada por mais de 22 mil pessoas.

Uma escola de Lourosa, em Santa Maria da Feira, foi a primeira do país a proibir o uso de telemóveis em todo o recinto, há sete anos. Desde então, a limitação já se estendeu a outras, como, por exemplo, a Escola Básica EB 2+3 General Serpa Pinto, em Cinfães, no Distrito de Viseu, as escolas básicas do Alto de Algés e de Miraflores, ambas em Oeiras, os agrupamentos de escolas Gil Vicente (Lisboa) e Infanta D. Mafalda (Gondomar), além de agrupamentos de escolas de Almeirim (Santarém).

A polémica levantada pelo tema levou o Ministério da Educação a pedir, no ano passado, um parecer ao Conselho de Escolas, que considerou que a solução para responder aos impactos negativos do uso dos telemóveis em contexto escolar não passa por proibir a sua utilização, mas defendeu que devem ser os próprios agrupamentos a decidir.

Apesar dos impactos negativos e das "questões complexas de disciplina, designadamente a captação indevida de imagens ou o *cyberbullying*" que se levantam com o uso generalizado dos telemóveis, sobretudo a partir do 2.º ciclo, os diretores sublinham que existem, por outro lado, aspetos positivos.

Em sala de aula, afirmam, os *smartphones* podem constituir "recursos ao dispor de alunos e professores para favorecer as aprendizagens" e permitem "potenciar o desenvolvimento de competências essenciais de acordo com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória".

DN/LUSA

Parecer pedido ao Conselho das Escolas pelo Ministério da Educação, no ano passado, considera que proibição não é a solução, mas que devem ser os agrupamentos a decidir.

Crianças, *net* e o risco da pornografia

A especialista em bem-estar digital Cristiane Miranda alertou que os pais devem estar mais atentos aos perigos que os jovens enfrentam na internet, relevando que há crianças com menos de 10 anos com acesso livre a conteúdos pornográficos. "Os pais, muitas vezes, não têm a noção das implicações que há pelo facto de as crianças terem um telemóvel no quarto", disse, acrescentando: "Os jovens estão a ter acesso cada vez mais cedo e de uma forma muito livre, por exemplo, à pornografia e não propriamente só imagens." Estes vídeos a que os jovens têm acesso livre cada vez mais cedo – "antes dos 10 anos de idade" –"está já a trazer uma implicação ao nível dos relacionamentos entre as pessoas". A especialista avisa que os pais "pensam que, ao falar com o filho, vão abrir uma caixa de Pandora, mas talvez a caixa já esteja aberta e os pais não estejam conscientes."

BREVES

Papa: "Idosos não devem ser deixados sós"

O Papa Francisco defendeu ontem, num encontro com milhares de avós e netos, que os idosos "não devem ser deixados sozinhos, mas viver em família", assim se promovendo o diálogo entre gerações. "Por vezes ouvimos frases como 'pensa em ti' ou 'não dependas de ninguém'. São falsidades que enganam as pessoas, fazendo-as acreditar que é bom não depender dos outros, agir por conta própria, viver como ilhas", lamentou. O Papa advertiu que tais atitudes "só criam muita solidão". "Por exemplo, devido à cultura do descartável, os idosos são deixados sozinhos e têm de passar os últimos anos da sua vida longe de casa e dos seus entes queridos (...) Não devem ser deixados sozinhos, devem viver em família, em comunidade, com o afeto de todos. E se não puderem viver com a família, devemos ir ter com eles e estar perto deles."

Agricultura tem de se modernizar

A ministra do Ambiente e Energia defendeu ontem que a agricultura pode ter menos impacto ambiental se usar "todo o conhecimento científico disponível" e atribuiu as altas emissões dos transportes em Portugal ao "completo abandono da ferrovia". Graça Carvalho falava na abertura da 13.ª edição da *Universidade Europa*, uma iniciativa de formação política que reúne cerca de 70 jovens em Curia (Aveiro). Num painel dedicado ao ambiente e clima a ministra foi questionada sobre o impacto na agricultura portuguesa das cada vez maiores exigências da União Europeia. "Tem de ser feito um trabalho para modernizar e introduzir novas tecnologias nos diferentes setores. Muito foi feito já na indústria, está a ser feito nos transportes, um esforço semelhante tem de ser feito na agricultura. A agricultura pode ter um menor impacto no ambiente do que tem, se utilizar todo o conhecimento científico disponível", frisou.

Os seis desafios a Portugal 50 anos após o 25 de Abril

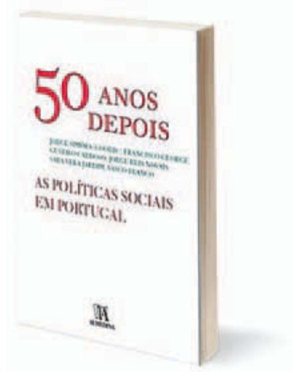
PUBLICAÇÃO Seis investigadores escrevem sobre as suas visões das políticas sociais e das questões a que têm de responder no futuro do país.

TEXTO **CARLOS FERRO**



A Saúde é um dos desafios das políticas sociais.

DAVID TIAGO / GLOBAL IMAGENS



50 ANOS DEPOIS AS POLÍTICAS SOCIAIS EM PORTUGAL
Vários autores
Almedina
344 páginas

Um percurso pelos direitos e políticas sociais ao longo do último meio século é a proposta apresentada no livro *50 Anos Depois – As políticas sociais em Portugal*. Uma análise sobre o passado perspetivando o futuro do país em seis temas: "Direitos sociais na jurisprudência do Tribunal Constitucional"; "As políticas sociais de comunicação"; "Cidades: altos e baixos em 50 anos de mudança(s)"; "O ambiente na perspetiva da Saúde Pública em Portugal (1974–2024)"; "A União Europeia da Saúde – primeiros passos de uma política de saúde integrada?" e "O percurso das políticas de saúde em Portugal".

Com a coordenação de Jorge Simões (que também é autor de um texto), assinam ainda os trabalhos Francisco George, Gustavo Cardoso, Jorge Reis Novais, Sara Vera Jardim e Vasco Franco.

A obra vai ser apresentada amanhã, às 18.00 horas na Fundação Gulbenkian e será apresentada pela antiga ministra da Presidência, Mariana Vieira da Silva.

Jorge Simões explicou ao DN que este é "um livro de afirmação de confiança na democracia, publicado em 2024 para se associar às comemoração do 25 de Abril".

O coordenador deste *roteiro* explica que nas mais de 300 páginas desta edição são analisados "aspetos do percurso do Estado democrático, mas falando, também, do futuro". Jorge Simões sublinhou que os temas escolhidos são "atuais da vida democrática sentida pelos portugueses e, também, diferentes olhares sobre as políticas sociais. São temas próprios dos desafios que se colocam no nosso tempo em qualquer Estado Social e democrático."

Referindo-se aos autores frisou estes têm "em comum a ligação à democracia, à independência científica, à liberdade de investigação, mas têm trajetos e interesses profissionais distintos, que se refletem na diversidade dos temas tratados".

Segundo Jorge Simões, o objetivo da edição desta obra, além de celebrar o 25 de Abril, passa por fazê-lo "com novos temas e novos enquadramentos necessariamente decorrentes dos diferentes olhares sobre as políticas sociais".

"Mantêm-se as preocupações com as políticas de saúde e a União Europeia da saúde, mas outros temas, próprios dos desafios que se colocam no nosso tempo em qualquer Estado de Direito Social e democrático."



Jorge Simões
Professor universitário e coordenador do livro

É neste conjunto de reflexões que surgem as chamadas de atenção como a de Jorge Reis Novais que, no capítulo sobre "Os direitos sociais na jurisprudência do Tribunal Constitucional", frisa existir uma "jurisprudência constitucional tímida sobre os direitos sociais" ao longos de mais de 40 anos. Ou o alerta deixado por Gustavo Cardoso que afirma que as políticas de comunicação são, "na sua essência, política sociais". Ou seja, de acordo com o professor catedrático "os agentes da mudança social não são apenas os políticos e as políticas, mas também os gestores e as empresas, os jornalistas e, hoje, passados 50 anos, cada vez mais as pessoas".

Destaque merece também a evolução que as cidades portuguesas sofreram ao longo destas cinco décadas (autoria de Vasco Franco), tal como as políticas de Saúde Pública em Portugal (análise feita pelo antigo diretor-geral da Saúde Francisco George) e a forma como a política de saúde é vista ao nível europeu e a possibilidade de vir a existir uma política de saúde integrada, texto este da responsabilidade de Sara Vera Jardim.

A fechar o livro Jorge Simões escreve sobre "O percurso das políticas de saúde em Portugal".

cferro@dn.pt



Opinião
Daniel Deusdado

Não houve festa, pá, no país urbano-rural

Se me perguntassem o que vai destruir a cavalgada do Chega rumo ao poder, além de um abalo para PS e PSD, responderia: partidos regionais. Estamos no princípio de uma enorme transformação política. É, por isso, tão contrastante esta ideia de um país aparentemente feliz consigo próprio – porque a Revolução foi extraordinariamente comemorada em Lisboa – sem a reflexão do que aconteceu praticamente em todo o país: qual festa?

Talvez haja uma razão para esta enorme diferença: além dos acontecimentos terem sido vividos ali, Lisboa é a nossa joia da coroa. O maior caso de sucesso do país. Só que, em simultâneo, cresceu a desigualdade económica entre o rendimento *per capita* em Lisboa *versus* o restante Portugal "urbano-rural". Portugal falhou na tentativa de ser um país mais igual ao longo das suas fronteiras e isso tem um preço.

Quando só nos resta a esperança de exportar os nossos filhos e obedecer ao capital estrangeiro – porque perdemos literalmente os centros de decisão económica –, sobra pouco para nos orgulharmos. Nestes 50 anos do 25 de Abril estamos a comemorar, além do acesso generalizado à escola pública, a melhoria de infraestruturas que a União Europeia nos deu. E este milagre é em quase nada português.

Daí a avaliação marcelista: "Lento", o país. Dúvidas: lento no conhecimento? No aumentar do rendimento? Na capacidade de se organizar para mudar? Marcelo menoriza o país agrícola, industrial, exportador, que infelizmente ainda gera valor modesto, com consequentes baixos salários, desprezando que chegar aos grandes mercados é tarefa árdua.

Talvez o Presidente tenha percorrido o país de lés-a-lés sem verdadeiramente compreender a lentidão de Portugal. E assim o humilha perante os jornalistas estrangeiros. Marcelo afinal gosta do povo urbano-rural da *selfie* e do abraço como o Vasco Santana gostava das tias na Canção de Lisboa.

Esse país urbano-rural gera, mesmo assim, empresas, pensadores e alguns homens competentes. O despedimento de Fernando Araújo, da Comissão Executiva do SNS, é ilustrativo do desprezo de uma certa elite por homens de trabalho. Um tipo com uma pronunciazinha estranha face ao arquétipo lisbonense e que não passa bem na televisão, tem o destino traçado. Mesmo que conheça, melhor que ninguém, o SNS.

Perguntemos, em contraponto: o que foi capaz de fazer a classe médico-política da capital quanto à sistemática desorganização dos hospitais da Região de Lisboa? Há algo que se compare à excelência de funcionamento do São João, Santo António ou dos Hospitais Universitários de Coimbra?

Outro exemplo: quando Carlos Moedas exige prioridade para o TGV Lisboa-Madrid, atravessando o deserto alentejano, em vez da linha Lisboa-Vigo, onde se concentram cinco milhões de pessoas, isto é o quê? Que tipo de visão para o país tem um homem que foi comissário Europeu da Inovação e hoje fala como um cacique local? Não está em causa fazer-se o Lisboa-Madrid, mas sim a prioridade – a capital, em primeiro. Como sempre.

Em conclusão: o Chega é tendencialmente antidemocrático e tem no seu ADN a erosão do sistema. Já novas forças políticas regionais poderão ter outro tipo de genética, porque valorizam um sistema político onde têm voz. É a política a aproximar-se das decisões dos cidadãos, com objetivos concretos, listas de deputados com gente próxima, ideias para mexer com a vida das pessoas. A política da pólis – de todas as pólis, e não de uma ou duas. E isto é absolutamente necessário, porque enquanto o PIB *per capita* da região mais pobre do país for literalmente metade do da capital, falta cumprir este 25 de Abril.

Jornalista

Calma e segurança atraem americanos que compram casa em Portugal



ESTRANGEIROS A população residente de origem norte-americana disparou nos últimos três anos. À boleia dos Vistos *Gold*, cujas regras sofreram alterações em 2023, ou através do Regime de Residentes Não-Habituais (RNH), chegaram a Portugal para desfrutar da reforma, ou para trabalhar em modo remoto. Saiba o que os motiva e o que os encanta neste cantinho à beira-mar plantado.

TEXTO **FÁTIMA FERRÃO** FOTOS **REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS**

A proximidade do mar e o clima ameno, aliados à calma e à segurança, estão a reforçar a atratividade de Portugal junto dos norte-americanos. A imagem de *Califórnia da Europa* começou a ser, mais recentemente, associada ao país, muito por força das ações de divulgação externas de entidades como o Turismo de Portugal ou a AICEP, que têm viajado para o outro lado do Atlântico com o objetivo de reforçar os fluxos turísticos provenientes daquele mercado, mas também de atrair investimento internacional para o país.

Este esforço tem dado frutos, como espelham os números revelados em janeiro pela entidade que gere o turismo em Portugal. Só no primeiro mês deste ano, o número de passageiros norte-americanos aumentou 18,8% face ao mesmo período do ano anterior, o que motivou igualmente um crescimento de 14,9% nas receitas turísticas e de 13,2% nos valores gastos em compras. Resultados muito positivos, que mostram o crescente interesse pelo destino Portugal para fazer férias, um primeiro contacto que, em alguns casos, acaba por abrir a porta a uma mudança definitiva ou a uma permanência prolongada.

No final de 2023, residiam em Portugal quase dez mil norte-americanos – aproximadamente 1% do total de imigrantes no país –, um número que tem vindo a crescer, especialmente nos últimos três anos, como revela João Cília. "Acredito que seja uma tendência que veio para ficar, mas o ritmo de crescimento tenderá a ser mais moderado."

A convicção do CEO da Porta da Frente/Christie's, imobiliária especializada no segmento *premium* e *súper premium*, está relacionada com o abrandamento da procura que poderá verificar-se com o anunciado fim do Regime de Residentes Não-Habituais (RNH), previsto no Orçamento do Estado para 2024, aprovado ainda pelo anterior Governo. "Este era um tema muito relevante para os norte-americanos que podem agora hesitar entre escolher Portugal para residir ou optar por outro país da Europa", explica.

A incerteza sobre o futuro deste regime, que aplicava uma tributação reduzida ou, em alguns casos, isentava mesmo o pagamento de impostos sobre o rendimento durante um período de 10 anos atraiu muitos norte-americanos que, no seu país de origem teriam de pagar taxas muito elevadas. A expectativa sobre a posição do novo Governo face a este tema está a adiar decisões de potenciais novos residentes e a fazer repensar outros que estão em Portugal há mais tempo. Passado este período, João Cília acredita que alguns norte-americanos possam deixar Portugal e mudar-se para outros países com um regime fiscal mais favorável. "Há uma certa concorrência entre os países do Sul no que se refere a atrair este perfil de expatriados", reforça.



Em cima, Shahid e Catherine Hussain, perto de sua casa na aldeia da Areia Branca. Edward Young, perto de sua casa no Bairro da Graça (*à esq.*) e Casey e Nancy Pearson fotografados em sua casa na aldeia da Areia Branca (*à direita*).

Uma porta aberta para a Europa

Ainda assim, a verdade é que Portugal continua a vencer noutro tipo de argumentos como a estabilidade social e a segurança. Nancy e Casey Pearson, Catherine e Shahid Hussain ou Edward Young são unânimes a reconhecer estas duas qualidades como os pontos mais positivos do país que escolheram para morar, a que juntam outras razões como o clima, a vida calma, a gastronomia e os vinhos, ou a simpatia dos portugueses.

Com motivações e expectativas distintas sobre Portugal, estes cinco norte-americanos representam uma pequena parte daqueles que têm chegado ao país e que foram, em 2023, a nacionalidade que mais investiu no setor imobiliário em terras lusas, a par dos brasileiros.

De acordo com dados da Confi-





dencial Imobiliário, empresa de estatística deste setor, os norte-americanos foram responsáveis, em 2022, por 15% das transações imobiliárias realizadas por estrangeiros. Só em Lisboa, revela a mesma fonte, representaram 10%, no primeiro semestre de 2023, apesar de algum abrandamento face ao período homólogo do ano anterior.

Edward Young foi um dos norte-americanos que, nos últimos três anos, trocou o país do *Uncle Sam* por Lisboa. Aos 66 anos, que completa a 25 de abril, "uma coincidência muito interessante por ser na data em que Portugal celebra os 50 anos de democracia", conta em jeito de brincadeira ao DN/Dinheiro Vivo, vive na Graça, em pleno coração da cidade. Originário de São Francisco, na Califórnia, decidiu, após a morte da mãe em 2017, que chegara o momento de mudar de vida. Explorar a Europa era uma opção que concretizou, dois anos mais tarde. Viajou por vários países, entre os quais Portugal, mas foi aqui que sentiu que havia semelhanças físicas e de escala com a sua cidade de origem. Não que a ideia fosse replicar a América do lado de cá do Atlântico. "Sempre quis estar na cidade, nos locais onde vivem os portugueses, e ter essa experiência real", explica.

A decisão de fazer as malas e de voar até Lisboa de forma permanente surgiu em 2020, quando iniciou o processo de imigração, com a ajuda de um advogado. Chegou, um ano depois, com quatro malas. "Não precisava de mais nada", assume.

Para começar, alugou um apartamento com o objetivo de conhecer os bairros centrais da cidade, espaço que trocou por outro, também alugado, quando concluiu que ainda não estava no sítio certo. Há dois anos escolheu o apartamento que acabou por comprar, no típico Bairro da Graça. "Adoro o local, mas tenho pena ter-se tornado um bairro cheio de expatriados como eu", diz.

No prédio que habita não há portugueses, pelo que o editor de profissão, que continua a trabalhar em modo remoto com clientes norte-americanos, pondera agora alugar ou vender o apartamento e mudar-se para outro bairro com mais portugueses. "Eu não queria ter aqui a mesma vida, não queria apenas transformar a minha vida americana e vivê-la em Portugal", confessa, sublinhando que tem a certeza de que veio para ficar.

Aventura na reforma

Já Nancy e Casey Pearson chegaram a Portugal um pouco por acaso, e com motivações distintas de Edward Young. Casados há 10 anos, depois de ambos terem enviuvado, partilham a paixão de viajar, conhecer o mundo e, em especial de explorar a Europa, onde gostariam de passar a reforma.

Portugal não foi uma escolha óbvia "porque achávamos que a língua podia ser uma barreira", conta Nancy ao DN/Dinheiro Vivo. Espanha era a escolha mais provável – "porque o Casey fala espanhol", explica Nancy –, mas depois do convite de uma amiga para assistir a um *workshop* sobre Portugal, no Arizona, decidiram visitar o país, em 2018. "Ficámos encantados com o que vimos", confessam.

O casal, atualmente com 68 e 77 anos, viveu três meses num Alojamento Local no coração de Lisboa que, como revela Nancy, "foi uma experiência maravilhosa, adorámos o local e as pessoas, e o Casey adorava o café e o vinho".

Regressaram aos Estados Unidos com a decisão tomada e iniciaram o processo para viver em Portugal, onde chegaram em plena pandemia. "Arrendámos um apartamento muito bom na Freguesia de Santa Marta, num prédio antigo totalmente renovado". Por ali ficaram durante alguns dos períodos de confinamento e, aos fins de semana, percorriam o país de norte a sul em busca de um local para comprar casa. Acabaram por concretizar o negócio na Areia Branca, Lourinhã, com o mar bem à vista. "Vimos casas em Cascais, Ericeira e outros locais, mas esta foi a que nos apaixonou", conta Nancy.

O objetivo do casal era ficar por cá, mas algumas questões de saúde levaram-nos a repensar a escolha e a ponderar regressar dentro de alguns anos para junto da família, nos Estados Unidos. Ainda assim, Nancy sublinha a paixão pela vida que levam em Portugal. "O Casey adora fotografia e eu adoro fósseis e geologia, pelo que estamos no sítio certo. Portugal encaixa perfeitamente em todos os nossos requisitos", reforça.

Muito perto de Nancy e Casey Pearson, também na Lourinhã, encontrámos Catherine e Shahid Hussain, 61 e 65 anos. Antes de chegar a Portugal, há quatro anos, já viviam na Europa onde trabalharam como professores em escolas internacionais, em diferentes países.

A pensar na reforma, e convictos de que era no *Velho Continente* que gostariam de ficar até ao fim dos dias, rumaram a Portugal, em 2015, para umas férias com as filhas que vivem nos Estados Unidos. A decisão aconteceu dois anos depois, e a mudança concretizou-se em 2019, quando adquiriram a moradia onde vivem há quatro anos, na Região Oeste. Não queriam viver na cidade, mas numa zona tranquila, relativamente perto da capital e do aeroporto, mas com a natureza e o mar aos pés.

Apesar de reconhecerem que a burocracia é um problema complicado em Portugal – o fator menos positivo referido por todos os norte-americanos que falaram ao DN/Dinheiro Vivo –, estão muito satisfeitos com a escolha que fizeram. "Temos de mentalizar-nos de que há diferenças culturais entre americanos e portugueses, e temos de compreendê-las", diz Shahid. Fora isso, reconhecem que a experiência é "extremamente positiva".

Trocar a Florida por Portugal

Além dos que trocam os Estados Unidos por Portugal para trabalhar à distância ou para a reforma, há também uma tendência de crescimento da procura entre os norte-americanos que adquirem uma segunda casa no país para passar temporadas de férias. Segundo João Cília, este é um público que vem essencialmente da costa oeste, da Califórnia, ou que já tinha uma segunda residência em Miami, ou noutro locais da Florida.

"Procuram em Portugal o tipo de estilo de vida que já têm nos Estados Unidos, nomeadamente, a proximidade do mar ou o clima". O CEO da Porta da Frente não tem dúvidas de que muitos estão a desfazer-se das casas de férias na Florida e a adquirir imóveis na zona de Cascais (a mais procurada por este tipo de público). "Procuram imóveis de luxo que, apesar dos preços elevados, continuam a ser mais acessíveis do que em território americano", reforça.

Adicionalmente, revela ainda João Cília, a vantagem principal que veem aqui é a segurança. "Fogem da insegurança e da clivagem social, e aqui encontram paz social, que é uma coisa muito relevante para eles".

Os custos de saúde, muito inferiores em Portugal, mesmo no setor privado, também é um argumento forte do país, especialmente num segmento etário mais elevado.

Já para uma faixa etária mais jovem, João Cília revela que o interesse imobiliário está mais centrado em Lisboa e na escolha de apartamentos bem localizados, em zonas nobres da cidade. Neste caso, diz o CEO da Porta da Frente, são pessoas profissionalmente ativas, que trabalham em modo remoto e que chegam a Portugal sozinhas ou em família, normalmente com filhos pequenos.

Seja qual for a motivação, a verdade é que os norte-americanos que chegam a Portugal continuam a render-se a tudo o que o país oferece. É o *sonho português* transformado em realidade.

> Norte-americanos foram responsáveis por 10% das transações imobiliárias em Lisboa nos primeiros seis meses do ano passado, segundo a Confidencial Imobiliário.



Isidro Blanquet fotografado numa aquacultura da Ria de Aveiro, na Gafanha da Encarnação.

ARTUR MACHADO / GLOBAL IMAGENS

Aquacultura reclama luta contra "grandes obstáculos" à atividade

EVOLUÇÃO Produtores consideram que falta de conhecimento por parte da Administração e sociedade em geral está a bloquear o aparecimento de novas explorações. Mesmo assim, projetos de investimento em Portugal atingem recorde.

TEXTO **TERESA COSTA**

Apesar de ser ainda residual a quantidade de aquacultura produzida, Portugal destaca-se em algumas espécies e, sobretudo, no *know-how*, cuja evolução nos últimos 40 anos já permite anular alguns mitos que se criaram em torno da atividade. No entanto, é no próprio Estado que a Associação Portuguesa de Aquacultores (APA) encontra as maiores barreiras para a instalação, temas que estarão em debate no seminário que irá organizar no próximo dia 10, em Peniche. Pretexto para uma revisitação do setor.

Só 2% das 600 mil toneladas de pescado consumido por ano em Portugal vêm da aquacultura. São 18 mil toneladas, um valor que a APA considera "muito baixo", face às necessidades do mercado e ao potencial de crescimento, atendendo às condições naturais que identifica no país. Por esse motivo, Isidro Blanquet, secretário-geral da associação, lamenta os 900 milhões de euros de défice comercial português em matéria de pescado.

Portugal, apesar dos números diminutos, consegue ser líder europeu, juntamente com Espanha, na produção de pregado e de linguado ao longo da costa Atlântica, embora Espanha seja o maior produtor europeu de aquacultura, na globalidade, com 270 mil toneladas anuais.

No seu todo, a União Europeia produz 1200 milhões de toneladas, o que representa apenas 1% da produção mundial, estimada em 120 milhões de toneladas.

A dourada e o robalo são produzidos em *offshore* na Madeira e no Algarve, bem como em regime semi-intensivo nas rias de Aveiro, Formosa e do Alvor e no Estuário do Sado. Nestas últimas áreas também se cultivam bivalves, como mexilhão, amêijoa e ostras – a espécie em maior ascensão. As águas doces continuam reservadas para a truta.

O investimento e as ostras

Mas começa a haver sinais de crescimento da atividade. Isidro Blanquet nota que, nos avisos dos fundos comunitários disponibilizados pelo Governo, em novembro de 2023, foram submetidos projetos de investimento do setor no valor de 93 milhões de euros, o que, segundo revela, se traduziu num recorde.

Vários desses projetos são relativos a grandes empresas já instaladas com intenções de expansão, que, segundo a APA, apenas aguardam "alguns desbloqueios de licenciamento".

Outros projetos dizem respeito ao cultivo de ostras, devendo por agora haver cerca de 100 empresas, que asseguram entre 3 mil e 4 mil toneladas a cada ano. Segundo o dirigente associativo, seguem maioritariamente para França, onde são apreciadas pela qualidade.

Sendo França um dos maiores produtores europeus de ostras, o que leva os franceses a preferirem as portuguesas? "As águas estuarinas em Portugal são mais ricas em nutrientes. Além disso, em França, a produção de ostras demora 2 a 3 anos, enquanto em Portugal se consegue em ano ou ano e meio, e tem uma taxa de carne muito mais elevada."

O dinamismo alcançado na atividade ainda não tem expressão significativa em termos de emprego, devendo haver cerca de 1800 pessoas a trabalhar no setor, embora com tarefas muito diferenciadas e cada vez com maior exigência académica, envolvendo biólogos, engenheiros zootécnicos e veterinários, sobretudo, nas explorações intensivas e de bivalves.

Obstáculos e mitos

Os sinais de crescimento, no entanto, não eliminam o que o setor rotula de "grandes obstáculos" que, na opinião de Isidro Blanquet, têm a ver com "falta de conhecimento da atividade, por parte da Administração e da sociedade em geral", e considera que "têm

sido a razão para o setor não crescer como deveria e se esperaria", a par dos "mitos que vêm dos Anos 80 e permanecem enraizados nos consumidores".

Logo à cabeça, o dirigente coloca o Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF) por se ter tornado uma espécie de "força de bloqueio" quanto aos licenciamentos ao longo da costa. "Não está aberto ao diálogo, não procura perceber os preceitos da atividade e não muda de opinião perante os argumentos. Com isso, muitos empresários desistem e o setor fica estagnado."

Na lista dos mitos dos Anos 80 coloca em lugar cimeiro a questão dos antibióticos administrados aos peixes de aquacultura, contrapondo que a prática já só se aplica em caso emergência e apenas nas primeiras fases do ciclo de vida. "Mas, mesmo que seja necessário, o peixe de aquacultura leva dois anos a crescer, significa que tem dois anos para eliminar os resíduos que possa haver."

Por outro lado, lembra que a atividade é fiscalizada por vários organismos (DG de Veterinária, ASAE e DG dos Recursos Marinhos) que analisam os peixes, as rações e a água.

No caso das hormonas, Isidro Blanquet diz simplesmente que "não funcionam nos peixes, só nos animais de sangue quente".

Quanto à questão de ser ou não uma atividade sustentável, rebate com vários números, em termos de consumo de alimentos, água e emissões poluentes: "Para produzir um quilo de peixe em aquacultura usa-se 1,5 quilo de alimentos; para um quilo de bifes, são precisos 8 quilos de alimentos. Em água doce, os peixes usam 1 a 3 metros cúbicos (m^3) de água por cada quilo. Para se obter um quilo de carne de vaca consomem-se 15 a 20m^3. Já produzir 1 quilo de peixe emite 5 quilos de dióxido de carbono, quando 1 quilo de bife liberta 40 quilos de CO_2."

Contraria, igualmente, o mito do uso de peixes selvagens para alimentar os de aquacultura, apontando o índice FIFO, que mede a quantidade de peixe que entra na alimentação destas espécies, sublinhando que agora está nos 0,19. "Significa que usamos 200 gramas de peixe para produzir 1 quilo de peixe de aquacultura. Tem de haver sempre algo do mar na sua alimentação, por causa dos nutrientes, mas as rações já têm proteínas de vegetais e de insetos."

A quem se opõe à produção de bivalves, lembra que "estes animais usam carbonato de cálcio para construírem as suas conchas, um elemento que sequestra o CO_2". Além disso, assinala que os bivalves também filtram o azoto resultante da atividade humana e dá um exemplo: "Toda a produção de ostras na UE retira do oceano o azoto equivalente ao que é produzido por toda a população da Holanda."

No pressuposto de haver "certas aquaculturas que prestam um serviço à conservação dos ecossistemas", menciona o que se passa em Portugal. Nas explorações de robalos e douradas nas rias de Aveiro, Formosa e do Alvor e no Estuário do Sado, ao fazerem-se os tanques em terra, consegue evitar-se a erosão costeira, porque se vão repondo, e com isso fixam-se também aves e a atividade humana.

Cita as antigas salinas de Castro Marim e da Ria Formosa, no Algarve, como "uma das áreas onde o ICNF não tem permitido a aquacultura", mas, a seu ver, "trata-se de estruturas criadas pelo homem, não-naturais, que importaria recuperar e reconverter, e assim travar a sua degradação".

"Com esta visão museológica, impedem que os lugares voltem a ter vida, haja atividade humana, para animais e para as plantas", critica o dirigente.

Qualidade, ciência e contradições

E de onde vem a distinção pela qualidade da aquacultura nacional? Isidro Blanquet explica que o toque superior advém do facto de o país ser banhado pelo Atlântico, que é um oceano de águas frias, por comparação com o Mediterrâneo, por exemplo, o que garante "peixe mais magro, mais duro e com mais sabor". Dá o caso da dourada da Madeira que costuma esgotar no mercado, apesar de ser mais cara do que as de importação.

Mas a aquacultura garante a Portugal outra posição privilegiada e que tem a ver com a "enorme comunidade científica e quantidade de estudos que se produzem, desde a nutrição, às patologias e ao impacto ambiental, por exemplo. Há muito trabalho feito, há muito *know-how*".

Há, igualmente, alguma planificação e plano de ordenamento da atividade, o que à partida poderia ser visto como facilitadores dos licenciamentos, mas Isidro Blanquet tem dificuldade em aceitar como possam esbarrar com pareceres negativos de algumas instituições. E explica:

"Os planos de ordenamento são feitos pelo Estado, mas não têm a participação de todas as entidades envolvidas e, quando se vai para o terreno, os projetos esbarram sempre com um parecer de alguém que não partilha os mesmos tipos de conhecimentos e nem sequer está aberto a receber mais informação e anula tudo."

A propósito, lembra que, no Estuário do Sado, "as pradarias marinhas são beneficiadas pela produção de ostras, mas, mesmo assim, existe dificuldade em licenciar novas produções".

Quanto ao novo Governo, o secretário-geral da APA refere que, tanto o ministro da Agricultura como a secretária de Estado das Pescas são pessoas que estiveram muito tempo ligadas à UE. "Solicitamos que falem connosco para os ajudarmos a conhecer melhor o setor, falem com os produtores, porque conhecemos os problemas que é preciso resolver. Esperamos que trabalhem de forma muito estrutural com os produtores, porque só assim conseguimos fazer crescer a aquacultura em Portugal."

tcosta@dinheirovivo.pt


CHARLY TRIBALLEAU / AFP

Confiança dos consumidores está a traduzir-se num aumento de consumo.

Venda de *marcas brancas* dá sinais de estabilização

CONSUMO Depois de meses a cortar para fazer face à subida de preços, a contenção da inflação começa a dar sinais na fatura do súper.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

Os portugueses estão mais confiantes e isso nota-se nas compras que fazem para casa. Nos primeiros três meses do ano, as vendas do mercado de bens de grande consumo, o chamado retalho alimentar, cresceram 4,6% face ao período homólogo, para 2997 milhões de euros, com as marcas da distribuição a perderem quota de mercado, ainda que ligeiramente. Depois da trajetória de crescimento ao longo de 2023 e de, nos primeiros meses de 2024, terem chegado a pesar 46,1% dos gastos das famílias nos supermercados, no acumulado do trimestre as *marcas brancas* desceram três décimas.

"É um sinal positivo para a economia, que deverá resultar de um aumento da confiança dos consumidores na gestão dos seus orçamentos, e para as próprias empresas", diz o diretor-geral da Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição (APED), numa análise aos dados mais recentes dos *Scantrends* da Nielsen. O estudo mostra que, em março, as vendas, em valor, de bens de marcas de fabricantes cresceram 6,4%, já muito próximo do valor total do mercado, que subiu 7,1%, e da *performance* das marcas da distribuição, que aumentaram 7,9%. "Esta aceleração do crescimento em valor não parece ser efeito do preço, mas do aumento do consumo", diz Gonçalo Lobo Xavier, lembrando que, segundo o Instituto Nacional de Estatística, a inflação nos produtos alimentares foi de 0% em março. Aponta também algum efeito do aumento do turismo.

O diretor-geral da Centromarca, a associação de empresas de produtos de marcas, considera igualmente que os números da Nielsen mostram que o efeito da contenção da inflação começa a gerar impacto no volume comprado. "Depois de dois anos de crescimentos [de vendas] muito empurrados pelo aumento dos preços, este crescimento agora já é um bocadinho mais saudável. Com a inflação mais baixa, o consumidor já se sente um bocadinho mais confortável", considera Pedro Pimentel.

Para as marcas de fabricantes, o arranque do ano foi "particularmente difícil", com quebras de 0,2% em janeiro e um crescimento marginal de 0,3% em fevereiro, pelo que, o crescimento de 6,4% em março permite antecipar melhores dias. Mas tudo depende de como a inflação continuar a evoluir e, sobretudo, das taxas de juro. "Todos sabemos que vão diminuir, não sabemos é quando e em que dimensão. O seu efeito em cadeia demora, no mínimo, três a quatro meses a fazer-se sentir, pelo que, se a decisão do BCE surgir antes do final do primeiro semestre, poderá já fazer-se sentir no consumo no último trimestre do ano", refere.

Recorde-se que, em 2023, as vendas do retalho alimentar fecharam a crescer 11,7% para 13 554 milhões de euros, muito impulsionadas pela inflação, o que levou o governo a implementar a isenção de IVA num cabaz de produtos essenciais, medida que terminou no início do ano. A este propósito, Lobo Xavier lembra que, o facto da inflação estar a baixar, não significa que os preços baixem também. "Estão é a aumentar menos e, embora haja categorias que nos estão a preocupar, com aumentos muito significativos das matérias-primas, como o cacau e o azeite, a verdade é que está a haver um esforço para haver um equilíbrio e um sortido que dê liberdade de escolha às famílias", sublinha.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Atribulado arranque da campanha na Catalunha com futuro de Sánchez no ar

ESPANHA Pausa do primeiro-ministro para decidir, amanhã, se fica no cargo após acusações contra a mulher marca o arranque da campanha para as eleições catalãs de 12 de maio. Socialistas de Salvador Illa lideram sondagens, seguidos do Junts de Puigdemont e da ERC de Pere Aragonès. Resta saber quem consegue formar Governo.



EPA / RODRIGO JIMENEZ

TEXTO **BELÉN RODRIGO**, MADRID

Trinta horas antes do arranque da campanha eleitoral na Catalunha, o presidente do Governo espanhol, Pedro Sánchez, anunciou uma pequena pausa para "refletir" e anunciar amanhã ao país se continua ou não no cargo. Esta inesperada notícia, no mesmo dia em que foi conhecida a existência de uma investigação à sua mulher por suposto tráfico de influência e corrupção, abalou a atualidade política espanhola – e também a catalã. Ninguém se atreve a adivinhar o impacto que o anúncio do chefe do Executivo vai ter na composição do próximo Parlamento catalão, saído das eleições de 12 de maio.

Tendo em conta estes acontecimentos "modificou-se tudo e não temos ainda sondagens onde fique refletida uma possível mudança de voto. Custa-me pensar nisso. O que sei é que mudaram as coordenadas do discurso", explica ao DN Oriol Bartomeus, politólogo e diretor do Instituto de Ciências Políticas e Sociais (ICPS). "Esta situação muda muito a campanha eleitoral catalã, nomeadamente o ambiente político e o debate. Estavam claros quais iam ser os temas a tratar e agora encontramo-nos perante outra coisa", acrescenta o politólogo.

Há diferentes interpretações do acontecido. "Uma parte considera que é uma jogada política de Pedro Sánchez e os socialistas catalães ainda estão em choque", sublinha.

Pouco depois de publicada a carta de Sánchez, o ex-presidente do Governo catalão Carles Puigdemont , exilado na Bélgica, interrogava-se também na rede social X se essa postura era "um movimento tático". Afirmava ser uma "decisão política pouco habitual de um dirigente com a sua experiência, com conhecida capacidade de resiliência".

O também candidato do Junts per Catalunya considera que Sánchez não deveria ser vulnerável às críticas, mesmo quando são "selvagens e desumanizadoras". E lembrou que a política espanhola e muita imprensa de Madrid é muito selvagem, "mas quem entra já sabe como é".

As últimas sondagens dão uma vitória aos socialistas, o PSC, e os dois principais partidos independentistas, Junts per Catalunya e ERC (Esquerda Republicana da Catalunha) ficariam em segundo e terceiro lugar. Dependendo da sondagem, as posições invertem-se.

"Estamos numa situação muito complicada porque as coisas vão estar muito renhidas", afirma Bartomeus. Historicamente o Parlamento catalão tem representação de vários partidos "e tínhamos bem definidos os limites dos acordos, com o bloco independentista e o bloco não independentista", reflete. Mas agora, o leque de possibilidades é muito maior e vai ser decisivo o resultado de cada partido.

No entanto, parece que "com uma vitória contundente do PSC não se poderá negar-lhe a formação de Governo", explica o politólogo. Desaparecerá o Ciudadanos, tal como aconteceu no Parlamento nacional? Entrará a Aliança Catalã, um novo partido independentista de extrema-direita? Em que bloco ficaria? "Todas são situações muito complicadas de entender antes das eleições", disse o politólogo.

E não se pode esquecer que ERC e Junts estão a negociar com o Governo a Lei da Amnistia e apoiaram a investidura de Pedro Sánchez. Se ganhar o candidato socialista, Salvador Illa, que impacto pode ter no Governo Central? Perderá Sánchez o apoio dos independentistas?

Na opinião de Felipe González, Illa não será o próximo presidente da *Generalitat*, mesmo com uma vitória do partido. "Provavelmente a estratégia do PSOE na Catalunha dará resultado, mas a possível vitória de Illa põe em risco a permanência no poder de Sánchez", explicou o ex-primeiro-ministro espanhol num encontro com os correspondentes estrangeiros.

As sondagens chamam também a atenção para o possível resultado do Junts de Carles Puigdemont, ficando à frente da ERC. "Realmente há uma penetração do fenómeno Puigdemont no espaço da ERC. É uma personagem que pode ter votos neste outro espaço independentista. Pode ser surpreendente, mas é assim, é um fenómeno", sublinha Oriol Bartomeus.

Outra questão é se a ERC aceitaria investir Puigdemont como presidente do Governo Regional e ainda por cima, "com a Lei da Amnistia ainda por aprovar, ele não pode vir a Espanha sem ser detido".



Salvador Illa
Líder dos socialistas catalães



Carles Puigdemont
Líder do Junts per Catalunya



Pere Aragonès
Presidente da Generalitat

O projeto da Catalunha

Pere Aragonès, candidato da ERC e atual presidente da *Generalitat*, resumia assim esta semana, num encontro com a imprensa estrangeira, as três principais opções que existem nestas eleições: "Salvador Illa, às ordens do Governo espanhol; o projeto de Carles Puigdemont que é... Carles Puigdemont, o seu regresso e a dúvida sobre o que vai fazer depois; e o projeto da ERC que é a Catalunha."

O seu discurso e as suas propostas para a próxima legislatura estão baseadas em três pontos. O primeiro, o referendo: "Vamos chegar a um acordo com o Governo para fixar as bases de um referendo reconhecido", afirma Aragonès. O segundo, "negociar um financiamento para a Catalunha que permita arrecadar a totalidade dos impostos pagos pelos catalães". Na Catalunha, diz, pagam-se 52 mil milhões de euros ao Estado e recebemos 25 mil milhões, pelo que "o benefício seria muito importante". E em terceiro lugar, "vamos reforçar o estado social e a língua catalã".

O líder da ERC mostrou-se muito confiante nas futuras negociações com o Governo, lembrando que já conseguiram os indultos aos presos políticos e estão "a ultimar a Lei da Amnistia".

Numa segunda fase, tentariam estabelecer as bases de um referendo reconhecido, "acordado entre os dois Governos". Mas no momento de falar de acordos para poder formar Governo, não é muito realista apesar de considerar que as sondagens não refletem o que vai acontecer na realidade. "Muito eleitorado decide o voto durante a campanha eleitoral e estamos com muita esperança e atitude positiva, pensamos que vai correr muito bem", afirma Aragonès.



Milhares pedem a Sánchez que fique

Cerca de 12 500 pessoas juntaram-se ontem frente à sede do PSOE em Madrid, na Rua Ferraz, para pedir ao primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, que não se demita do cargo – e nem a chuva que marcou o início da manhã os afastou. Os números são das autoridades madrilenas. "Democracia sim, fascismo não", "Pedro escuta, a tua gente está em luta" ou "Pedro fica" foram algumas das palavras de ordem ouvidas, quando no interior decorria um Comité Federal do partido especial, de apoio a Sánchez. Os dirigentes socialistas acabaram depois por interromper o ato e juntar-se à multidão na rua. O primeiro-ministro anunciou na quarta-feira que ia tirar uns dias para pensar no futuro, depois de ter sido aberta uma investigação contra a sua mulher, Begoña Gómez, por suspeita de tráfico de influência e corrupção. Sánchez nega que a sua mulher tenha feito algo errado e acusa direita e extrema-direita de o quererem destruir pessoal e politicamente. Amanhã anunciará qual é a sua decisão. Do lado da oposição, o líder do Partido Popular, Alberto Núñez Feijóo, disse que Sánchez tem um "problema judicial" e pediu aos espanhóis: "Não se deixem enganar."

Estas declarações foram feitas pelo candidato da ERC antes de ser conhecida a carta de Sánchez. E no arranque da campanha eleitoral, Aragonès lançou uma mensagem muito direta ao presidente do Governo espanhol. "Eu também estou profundamente apaixonado pela minha mulher, mas não abandono: quando a extrema-direita ataca, combato-a."

> As sondagens chamam também a atenção para o possível resultado do Junts de Carles Puigdemont, ficando à frente da ERC. "Realmente há uma penetração do fenómeno Puigdemont no espaço da ERC. É uma personagem que pode ter votos neste outro espaço independentista", sublinha Oriol Bartomeus.

O presidente do Governo catalão diz entender a atitude de Sánchez como parte de uma estratégia política, porque enquanto se fala da situação pessoal não se fala de outros assuntos que não lhe interessam, como o *Caso Koldo*. E diz não perceber que o primeiro-ministro precise de cinco dias para decidir se continua ou não.

Aposta nos serviços públicos

"Todos os socialistas do PSC, estamos contigo, Sánchez. Força, presidente", foi a mensagem de apoio ao primeiro-ministro publicada pelo candidato socialista às eleições catalãs. Todas as sondagens até agora dão Illa como vencedor, mas a questão que se coloca é se conseguirá formar Governo. E, sem dúvida que o antigo ministro da Saúde não estava à espera de um arranque de campanha tão convulsivo, estando ainda a tentar perceber se esta situação o vai beneficiar ou prejudicar.

Pouco antes de ser conhecida a pausa de Sánchez, o candidato socialista também teve um encontro com correspondentes para analisar a campanha e a atualidade política da Catalunha.

Illa considerou então que muitas coisas mudaram na região desde as últimas eleições, entre elas, "baixou muito o apoio aos partidos secessionistas. O projeto fracassou e o contexto internacional mudou: pandemia, conflito bélico na Ucrânia"... Illa fala de "dez anos perdidos" na Catalunha e acredita que as preocupações dos catalães passam hoje pela "seca prolongada e os maus resultados educativos", entre outros. E dá um exemplo. Na última década, no território espanhol, sem contar com a Catalunha, triplicou a potência instalada em renováveis, enquanto "nesta região continua a ser a mesma que há dez anos". Por isso a sua intenção é "iniciar uma nova etapa onde os serviços públicos sejam prioritários".

O PSC aspira a governar e, ao mesmo tempo, "que Espanha continue com Pedro Sánchez". Está convencido de que ERC e Junts não vão ganhar, mesmo somando os votos dos dois partidos. Também lembra o confronto que existe entre estas duas forças independentistas. E quando é interrogado sobre o referendo, garante: "Para mim está descartado, e não vou apoiá-lo."

O motivo é simples: "Sobre tudo o que seja positivo para unir a sociedade catalã e a espanhola estou disponível para falar. O que for para dividir é errado".

E amanhã, quando se conhecer o caminho que vai seguir Pedro Sánchez, veremos se este já difícil cenário político na Catalunha fica ainda mais complicado.

EUA concluem que Putin "provavelmente" não ordenou morte de Navalny

RÚSSIA *Wall Street Journal* cita fontes anónimas e diz que isso não quer dizer que não seja responsável pela morte do opositor na prisão, em fevereiro.

Os serviços de informação norte-americanos concluíram que o presidente russo, Vladimir Putin, "provavelmente" não ordenou a morte do opositor Alexei Navalny "naquele momento", isto é, em fevereiro. A informação foi avançada ontem pelo *Wall Street Journal*, que cita fontes anónimas conhecedoras do tema, e que diz, contudo, que isso não significa que Putin não seja responsável pela morte na prisão do opositor de 47 anos – dado que ele era alvo das autoridades russas há anos, foi detido com base em acusações politicamente motivadas e foi envenenado em 2020.

O Kremlin negou qualquer responsabilidade (tanto na morte de Navalny, como do envenenamento), apesar de a família e apoiantes do opositor apontarem o dedo a Putin. No imediato, EUA e União Europeia também culparam o presidente russo – os europeus, que já terão tido acesso à informação dos serviços secretos norte-americanos, continuam "céticos".

O porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, disse ontem que tinha visto o artigo do jornal norte-americano, alegando que este continha "especulação vazia". Peskov afirmou ainda aos jornalistas que lhe perguntaram sobre a notícia: "Vi o material e não diria que é material de alta qualidade que mereça atenção."

Putin disse na altura ter ficado "triste" com a morte de Navalny, lembrando que estava preparado para o incluir numa troca de prisioneiros com o Ocidente. **DN/AGÊNCIAS**

Trégua: Hamas estuda contraproposta de Israel

FAIXA DE GAZA Grupo terrorista não rejeita explicitamente a proposta, mas insiste num "cessar-fogo permanente", que israelitas recusam.

O Hamas está a analisar uma contraproposta de Israel para uma nova trégua nos combates na Faixa de Gaza e para a libertação de reféns. "O Hamas recebeu a resposta oficial da ocupação sionista à nossa posição, que foi entregue aos mediadores do Egito e do Qatar a 13 de abril", afirmou o n.º 2 do braço político do grupo terrorista, Khalil al-Hayya. "O movimento estudará esta proposta e apresentará a sua resposta assim que o seu estudo estiver concluído", indicou num comunicado.

Sem rejeitar explicitamente a proposta de uma trégua, o Hamas reafirmou a exigência de "um cessar-fogo permanente", a retirada do Exército israelita "de toda a Faixa de Gaza", o regresso dos deslocados aos locais de residência e "a intensificação da entrada de ajuda humanitária".

Israel opõe-se a um cessar-fogo permanente, insistindo, em vez disso, numa pausa de várias semanas nos combates para depois levar a cabo uma operação terrestre há muito prometida em Rafah, e recusa uma retirada militar de Gaza.

A contraproposta, cujos detalhes não foram revelados, surge um dia depois de uma delegação egípcia ter chegado a Israel para tentar relançar as negociações rumo a uma trégua em Gaza, associada à libertação de reféns. As reuniões entre a delegação do Egito e autoridades israelitas em Telavive alcançaram "progressos notáveis" para uma trégua, disseram fontes à televisão estatal egípcia Al-Qahera News. **DN/LUSA**



Opinião
Diogo Noivo

O triunfo da violência no País Basco

Nos dois últimos séculos o terrorismo escreveu uma história de fracasso ético, mas também de clamoroso fracasso político. A imensa maioria das organizações desapareceu sem alcançar os objectivos a que se propôs, quase sempre colapsando num vazio sem glória. Os grupos contemporâneos parecem trilhar um caminho semelhante.

O paradoxo é inescapável: sobrevive uma estratégia que não funciona. Hoje, como no passado, o terrorismo alimenta épicas revolucionárias e seduz candidatos ao martírio. Continua agarrado a teses milenaristas e a louvar as virtudes transformadoras da violência. Ainda que o fracasso seja a regra, não se anteveem sinais de extinção.

Esta contradição, na aparência insanável, começa a resolver-se quando analisamos as etapas pós-terrorismo, em particular nos países onde a violência serviu causas nacionalistas. Percebemos que, mais do que atingir objectivos, as organizações procuraram impor mutações sociais e culturais que favorecessem o triunfo num futuro a determinar. Lutaram por mudanças que tornassem o seu ideário uma inevitabilidade. Por outras palavras, não quiseram atravessar a linha de meta, mas colocá-la a uma distância mais curta e formar quem a pudesse cruzar a prazo.

O País Basco é um bom exemplo. Em 2018, a ETA dissolveu-se por pura necessidade. Perdera capacidade operacional, financiamento e coesão. Agigantou-se a impaciência nas fileiras e a cúpula da organização ficou sitiada pela crítica. Em 2007, um operacional resumiu o problema: "A quantidade e qualidade dos nossos atentados é penosa." Existir sem poder condicionar a actuação do Estado tornou-se humilhante. No ano seguinte, em declaração sem precedentes, os braços militar e logístico queixaram-se de falta de direcção: "Encontramo-nos numa situação de colapso total." Em suma, o fim do terrorismo etarra foi forçado pelas circunstâncias. Ao contrário do sucedido na Irlanda do Norte, não houve no País Basco qualquer acto de contrição.

Assim, nas palavras do Comité Executivo da ETA, a dissolução constituiu uma "mudança de estratégia". Confiou à esquerda *abertzale* (patriótica), movimento político por ela criado, o legado de décadas de violência. Já comungavam ideias de sectarismo político e étnico, pelo que faltava apenas formalizar a transferência da aura de luta. Na última entrevista concedida, o Comité Executivo foi claro: "A ETA plantou a semente da esquerda *abertzale* e durante todos estes anos partilhou com ela objectivos políticos e a luta por atingi-los"; "A esquerda independentista é quem representa o projecto político da ETA".

Reunida na coligação partidária E.H. Bildu, a esquerda independentista aceitou a herança com orgulho. Rufi Etxeberria, destacado militante *abertzale*, afirmou ser "tempo de recolher o fruto de longos anos de luta, e não deixar que se perca". Desde então, o E.H. Bildu integra antigos membros da ETA, alguns com responsabilidade directa em homicídios. É parte activa em centenas de cerimónias públicas de glorificação dos "mártires" e reclusos da organização, descritos como *gudaris* (guerreiros patrióticos) e "presos políticos". Tão ou mais relevante, apresentou 44 membros da ETA nas listas às eleições autárquicas de 2023, sete dos quais condenados por crimes de sangue.

Tudo isto é possível por duas razões. Primeiro, equilibrismo discursivo. O Bildu rejeita o apoio a organizações terroristas, mas recusa-se a considerar a ETA como tal. Pede perdão às vítimas, mas não reconhece a existência de verdugos, donde emerge a conclusão absurda de que as vítimas surgiram por geração espontânea. Lamenta o passado de dor para, acto contínuo, descrevê-lo com tonalidades de heroísmo abnegado. Diz querer virar a página, embora resista a colaborar com a Justiça no esclarecimento de mais de 300 homicídios ainda sem autores materiais identificados.

Recorde-se que nada disto se deve nem relaciona com Francisco Franco. Todos os etarras condenados pela ditadura foram libertados graças às amnistias aprovadas na década de 1970, peças essenciais da transição democrática espanhola. Acresce que mais de 90% das 850 vítimas mortais da ETA foram assassinadas com Espanha a viver em democracia. Portanto, os "presos políticos" são, na sua maioria, indivíduos condenados por homicídio e pertença a organização terrorista nos Anos de 1990 e até mesmo após o ano 2000.

A segunda razão está nas necessidades eleitorais do PSOE de Pedro Sánchez. Sem o apoio dos separatismos basco e catalão não há maioria de Governo, o que, a um só tempo, autoriza o equilibrismo discursivo e permite ao *abertzalismo* avançar sem pagar um preço político por décadas de violência. Por sua vez, isto abre caminho para que o Bildu branqueie o passado e se apresente como uma mera plataforma de esquerda com proclividades independentistas, o que colhe junto do eleitorado mais jovem, sem memória dos anos de chumbo.

> **"Ao contrário do que diz a direita espanhola mais conservadora, a ETA não existe. Acabou em 2018. Mas teve no domingo passado um excelente resultado nas urnas."**

A par do legado simbólico e doutrinal, há bens tangíveis. O Bildu beneficia activamente das transformações impostas pela organização terrorista à sociedade basca. A ETA visou indivíduos tidos como *españolistas*, mas dedicou-se sobremaneira a purgar do corpo social os "traidores", ou seja, os bascos que não aderiam ao credo etarra. Quis purificar o povo, vendo no pluralismo democrático uma injúria da heterodoxia. Fê-lo mediante a eliminação física de adversários – não por acaso, a maioria dos atentados aconteceu em território basco – e da violência de perseguição, expressão aplicada a diferentes formas de acosso, tão ubíquas que obrigavam as vítimas ao isolamento ou ao exílio. Estima-se que entre 60 000 e 200 000 pessoas abandonaram a região sob coacção.

A mutilação demográfica do País Basco aconteceu também por via da constelação de entidades criadas ao redor da ETA. Partidos, sindicatos, jornais, associações de estudantes, grupos ecologistas e outros satélites do terrorismo funcionaram como caixas de ressonância ideológica, centros de doutrinamento, interpostos logísticos e como fontes de recrutamento infiltradas em todos os âmbitos do quotidiano. Desempenharam um papel tão relevante que pouco após a sua ilegalização a ETA entrou em declínio organizativo. O fim do terrorismo reactivou esta constelação, que em boa verdade nunca desapareceu, dando ao Bildu ampla implementação territorial.

Tudo isto desaguou nas eleições autonómicas bascas do passado domingo: a esquerda *abertzale* teve um resultado histórico. Embora fosse o segundo partido mais votado, o Bildu ficou em primeiro lugar *ex aequo* em número de mandatos obtidos. Nunca o ideário etarra recebeu tanto apoio popular. Ocupou quase todo o espaço da esquerda: ficou com os eleitores da esquerda radical do Podemos; impediu o Sumar de se implantar na região; e caminhou em direcção ao centro-esquerda com o qual não tem qualquer afinidade ideológica, mas que é fundamental para ganhar eleições.

Ao contrário do que diz a direita espanhola mais conservadora, a ETA não existe. Acabou em 2018. Mas teve no domingo passado um excelente resultado nas urnas.

Politógo e investigador académco de terrorismo. Escereve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico



Análise
Germano Almeida

Das ilusões ao pragmatismo

A agressão russa da Ucrânia, quase a chegar ao 800.º dia, está num momento de viragem. A aprovação – tardia, mas fundamental – do pacote de ajuda norte-americana permitiu que os ucranianos voltassem a acreditar que é possível resistir ao invasor.

Mas ainda há tanto a fazer.

É tempo de terminar o tempo das ilusões: primeiro foi a ilusão de que não ia haver invasão russa, em que tanta gente quis acreditar nos dias que antecederam 24 de fevereiro de 2022; depois a ilusão de que a guerra iria ser breve (uns dias, talvez semanas… e já vamos em dois anos e dois meses); mais tarde a ilusão de que a Rússia de Putin era influenciável (tantos crentes que ainda há no "apaziguamento").

Quase 800 dias depois, e como bem sentenciou Mykhailo Podolyak, principal conselheiro político de Zelensky, em recente entrevista ao *Expresso*, nada disso se confirmou. Convém substituirmos as ilusões por um quadro de sentimentos e perceções bem mais realista: "Temos de perder a ilusão de que podemos pacificar o agressor, negociar com o Irão ou com a Rússia."

A hora é, por isso, de passar ao pragmatismo.

No terreno, a Rússia ainda tem uma vantagem significativa. É de esperar que nas próximas semanas essa situação possa mudar, tendo em conta a rapidez com que, depois da aprovação na Câmara dos Representantes, a Administração Biden foi capaz de promulgar a ratificação do Senado e ativar um primeiro pacote, já integrado no grande bolo dos 61 mil milhões de dólares, de perto de 10% do total, contendo munições para os sistemas de defesa aérea HIMARS, NASAMS e Patriot, naquele que é o maior pacote individual de ajuda de sempre à Ucrânia.

Era desse sinal que a Ucrânia precisava.

O desbloqueio teve, de resto, um efeito dominó na aceleração de decisões do Reino Unido (580 milhões, maior pacote inglês também), da Dinamarca (420 milhões), de Espanha (fornecerá uma bateria Patriot) e da Bélgica (que prometeu fornecer F16 ainda durante este ano de 2024).

Armas só contam se houver quem combata

Voltar a ter armamento é necessário, mas não suficiente. É preciso continuar a ter homens para combater. Numa guerra de longo prazo como esta, isso pode ser decisivo para a Ucrânia.

Kiev decidiu banir temporariamente a emissão e renovação de passaportes para homens entre os 18 e os 60 anos que se encontrem no estrangeiro. Dmytro Kuleba já tinha deixado uma crítica aos homens ucranianos que vivem fora do país e que não se mostram disponíveis para servir as Forças Armadas. "Permanecer no estrangeiro não isenta um cidadão dos seus deveres para com a pátria."

Depois de ter sido nomeado em março, Oleksandr Yakovets foi demitido do cargo de comandante das Forças de Apoio das Forças Armadas ucranianas. Yakovets tinha sido nomeado a 4 de março e vai agora liderar o Serviço Especial de Transporte da Ucrânia.

A Rússia dá sinais de inquietação

O Kremlin sabe que estamos a entrar numa nova fase e, nos últimos dias, não conseguiu disfarçar a inquietação.

As forças russas voltaram a bombardear a linha ferroviária na Ucrânia para evitar passagem de comboio com armas ocidentais (uma atitude que nos faz lembrar os primeiros dias de guerra). Moscovo tem feito uma série de ataques nas ferrovias ucranianas, com o objetivo de paralisar as entregas, o transporte de carga militar. As forças russas destacaram ainda dois porta-mísseis submarinos em serviço de combate no Mar Negro, que podem equipar até oito mísseis Kalibr.

No terreno, a Rússia insiste em atacar as infraestruturas energéticas de várias cidades ucranianas e prossegue a sua estratégia de fazer de Kharkiv uma espécie de nova Mariupol, tamanha é a destruição e isolamento de zonas habitacionais.

A pouco mais de uma semana de tomar posse para quinto mandato (longevidade só aceitável em países não-democráticos), Vladimir Putin fez saber que conta fazer na China a sua primeira viagem oficial após esse momento. A Rússia está pronta para aumentar cooperação militar com o Irão, afirmou o ministro da Defesa russo, Sergei Shoigu, após um encontro com o seu homólogo iraniano.

Ou seja: dias depois da renovação do apoio dos EUA à Ucrânia, secundado por novas ações de Aliados Europeus, a Rússia faz questão de mostrar que tem o alinhamento autocrático bem oleado e mantém condições de continuar a sua agressão sobre o vizinho.

Macron volta a usar o dramatismo

Em discurso na Sorbonne, Macron voltou a ser dramático. O que não significa que tenha sido exagerado ou, sequer, alarmista.

O presidente da França apontou que a guerra na Ucrânia é o "principal perigo para a segurança da Europa": "Como é que podemos construir a nossa soberania, a nossa autonomia, se não assumimos a responsabilidade de desenvolver a nossa própria Indústria Europeia de Defesa? Existe o risco de a nossa Europa morrer. Não estamos preparados, nem equipados para enfrentar os riscos. Não há defesa sem uma Indústria de Defesa … tivemos décadas de desinvestimento. Devemos ser claros hoje sobre o facto de que a nossa Europa é mortal, pode morrer; depende apenas das nossas escolhas, mas estas escolhas têm de ser feitas agora", porque "na próxima década, (…) há um enorme risco de sermos enfraquecidos ou mesmo relegados".

> **"Blinken já tinha deixado o aviso, em Capri, durante uma reunião do G7, na semana passada. "A China não pode ter as duas coisas. Não pode pretender ter relações amigáveis positivas com os países da Europa e, ao mesmo tempo, alimentar a maior ameaça à Segurança Europeia desde o fim da Guerra Fria".**

Macron propôs a criação de um "conceito estratégico para uma defesa europeia credível" face às ameaças externas, nomeadamente da Rússia. "Temos de produzir mais, temos de produzir mais rápido, e temos de produzir como europeus."

Há anos que o líder do Eliseu tem desenvolvido a necessidade de uma autonomia estratégica europeia. Macron voltou a abordar o conceito, lembrando que a Europa não pode estar totalmente depende do apoio militar dos EUA e "deve ser capaz de falar com outras áreas do globo, outras geografias e sensibilidades".

A pressão americana sobre a China

A viagem do secretário de Estado norte-americano, Anthony Blinken à China reforçou a ideia de que a Administração Biden não vai desistir de responsabilizar o seu rival estratégico, na forma como Pequim tem apoiado Moscovo a prosseguir a agressão na Ucrânia.

A deslocação aconteceu pouco depois de uma conversa entre o presidente dos EUA, Joe Biden, e o líder chinês, Xi Jinping, e de uma visita semelhante à China da secretária do Tesouro norte-americano, Janet Yellen.

"Se a China pretende, por um lado, manter boas relações com a Europa e outros países, não pode, por outro lado, estar a alimentar aquela que é a maior ameaça à Segurança Europeia desde o fim da Guerra Fria", aponta Blinken. "A Rússia teria dificuldades em manter o seu ataque à Ucrânia sem o apoio da China, que está assim a alimentar uma guerra brutal. A China é o principal fornecedor de máquinas-ferramentas, propulsores de foguetes e outros produtos de dupla utilização que Moscovo está a utilizar para aumentar a sua base industrial de Defesa".

Os EUA preparam sanções que podem excluir do Sistema Financeiro Global alguns bancos chineses envolvidos na ajuda à Rússia. Blinken já tinha deixado o aviso, em Capri, durante uma reunião do G7, na semana passada. "A China não pode ter as duas coisas. Não pode pretender ter relações amigáveis positivas com os países da Europa e, ao mesmo tempo, alimentar a maior ameaça à Segurança Europeia desde o fim da Guerra Fria."

Especialista em Política Internacional



MÁRIO VASA / GLOBAL IMAGENS

Marcos Leonardo saiu do banco de suplentes para marcar dois golos ao Sp. de Braga.

ESTÁDIO LUZ (LISBOA)
ÁRBITRO JOÃO PINHEIRO (BRAGA)

BENFICA	SP. BRAGA
3	1
ANATOLIY TRUBIN	MATHEUS MAGALHÃES
ALEXANDER BAH (52')	VÍCTOR GÓMEZ
ANTÓNIO SILVA	SIKOU NIAKATÉ
NICOLÁS OTAMENDI	PAULO OLIVEIRA
FREDRIK AURSNES	CRISTIÁN BORJA
JOÃO MÁRIO	JOÃO MOUTINHO
FLORENTINO LUÍS	ÁLVARO DJALÓ (69')
ÁNGEL DI MARÍA (90' + 7)	CHER NDOUR (83')
RAFA SILVA (70')	RICARDO HORTA
DAVID NERES (90'+7)	RODRIGO ZALAZAR (64')
ARTHUR CABRAL (70')	SIMON BANZA
TREINADOR	**TREINADOR**
ROGER SCHMIDT	RUI DUARTE
SUBSTITUIÇÕES	**SUBSTITUIÇÕES**
ÁLVARO CARRERAS (52')	VITOR CARVALHO (64')
MARCOS LEONARDO (70'),	RONY LOPES (69')
ORKUN KÖKÇÜ (70')	BRUMA (83')
ROLLHEISER (90'+7)	
TIAGO GOUVEIA (90'+7)	

GOLOS: RICARDO HORTA (28'), MARCOS LEONARDO (71',90'+5) , NERES (85')
CARTÕES AMARELOS: JOÃO MOUTINHO (77'), CHER NDOUR (82'), ORKUN KÖKÇÜ (90'+5), VITOR CARVALHO (90'+7)
CARTÃO VERMELHO: VÍCTOR GÓMEZ (89')

Menino da Vila foi a tempo de dar a vitória às águias

LIGA Marcos Leonardo entrou aos 70', com a equipa a perder, tendo bisado no triunfo por 3-1 com o Sp. de Braga. Benfica garantiu 2.º lugar e Sporting não poderá ser Campeão hoje no Dragão.

TEXTO **ANDRÉ CRUZ MARTINS**

O Benfica venceu o Sporting de Braga por 3-1 e garantiu matematicamente o 2.º lugar na I Liga, sendo ainda certo que o Sporting não poderá sagrar-se Campeão Nacional nesta 31.ª jornada, mesmo que hoje vença no Dragão. No onze inicial apresentado por Roger Schmidt, destaque para a ausência de João Neves, que ficou sentado no banco, pois não estava a 100%, depois da lesão sofrida em Faro, com João Mário a ocupar o seu lugar. Já Arthur Cabral manteve a titularidade, depois da sua boa exibição no Algarve.

Foi um típico jogo de fim de estação, com ambiente muito morno nas bancadas, o que leva à conclusão de que a esmagadora maioria dos adeptos do Benfica já não acredita na conquista do título. E, à semelhança do ocorrido na primeira parte do jogo na Luz diante do Marselha, com as claques do Benfica em silêncio, elas que só se fizeram notar quando entoaram cânticos depois do golo do Sporting de Braga e quando atiraram dezenas de tochas para o relvado aos 33', obrigando à interrupção da partida durante três minutos e meio, enquanto exibiam uma tarja, na qual se lia "Presidente, o nosso amor não tem limite".

O Benfica entrou bem no jogo, com três aproximações perigosas à baliza de Matheus nos primeiros 16': uma grande oportunidade de golo, num remate à barra de Arthur Cabral; tiro perigoso de Rafa desviado por Niakaté; defesa trapalhona de Matheus a remate de Di María que nem parecia levar muito perigo.

No entanto, a águia acabou rapidamente por baixar o ritmo. E, entretanto, o Sporting de Braga começava a "sair da casca", com Ricardo Horta e Álvaro Djaló como principais protagonistas, para além do

> Claques só se fizeram notar quando entoaram cânticos após o golo do Sp. de Braga e quando atiraram dezenas de tochas para o relvado aos 33', obrigando à interrupção da partida durante três minutos e meio.

cerebral João Moutinho, que aos 37 anos continua a jogar muito. Foram os dois avançados a desenhar a jogada do 0-1, com o espanhol a assistir o português, e, como já começa a ser tradição, em mais um golo sofrido por Trubin com a bola a passar por baixo das suas pernas. Foi o quinto golo apontado por Ricardo Horta ao clube onde cumpriu quase toda a formação.

Logo a seguir, surgiu o já mencionado episódio das tochas, que só prejudicou a equipa do Benfica, que estava em desvantagem. Até ao intervalo, os visitantes estiveram muito perto do 0-2, mas Trubin opôs-se com classe ao isolado Álvaro Djaló e, depois, foi Aurnes a falhar o 1-1, quando tinha tudo para faturar.

Aos 52' Roger Schmidt substituiu Bah por Carreras, com Aursnes a passar para lateral direito e parte do público entoou cântico ofensivo dirigido a Schmidt, possivelmente por os adeptos não se terem apercebido de que o dinamarquês estava em dificuldades físicas.

O Sporting de Braga defendia cada vez mais baixo e falhava muitos passes fáceis, mas o Benfica não conseguia criar oportunidades de golo, apresentando um futebol lento e previsível. Aos 65', Di María rematou em jeito para defesa fácil de Matheus e logo a seguir, Arthur Cabral rematou contra o corpo de Victor Gómez, nos dois melhores *lances* das águias após o intervalo até então.

Foi preciso esperar pelos 70' para que Roger Schmidt tentasse alterar o rumo dos acontecimentos, colocando Kökçü e Marcos Leonardo nos lugares de Rafa e Arthur Cabral. E foi o antigo jogador do Santos a fazer o 1-1, na primeira vez que tocou na bola.

Mesmo sem jogar bem, o Benfica foi, no segundo tempo, a única equipa a querer vencer, tendo acabado por chegar com justiça ao 2-1, num desvio de cabeça de David Neres (5.º golo esta época, em jogos oficiais), após cruzamento teleguiado de Di María, que conseguiu a 13.ª assistência. O Sporting de Braga, que já estava em grandes dificuldades, pior ficou com o vermelho (bem) exibido a Victor Gómez, após falta muito dura sobre Di María e ainda houve tempo para Marcos Leonardo fazer o 3-1 final, num trabalho à ponta-de-lança. O "menino da vila" soma 7 golos em 280 minutos na I Liga, contra 6 golos de Arthur Cabral, em 1283 minutos.

dnot@dn.pt

O contrato de Conceição e o "perdão" de Amorim

CLÁSSICO As conferências de imprensa de antevisão do FC Porto-Sporting dos dois treinadores foram dominadas, a norte, pela renovação de Sérgio Conceição com os dragões e, a sul, pela viagem de Rúben Amorim a Londres. O técnico dos dragões desvalorizou o prolongamento do seu vínculo em cima das eleições e o seu homólogo reconheceu que errou e pediu desculpas aos adeptos, ao *staff* "e principalmente aos jogadores".

TEXTO **ANDRÉ CRUZ MARTINS**



JOSÉ CARMO / GLOBAL IMAGENS

"*Timing* da renovação é o que menos belisca"

Sérgio Conceição acha que o prolongamento do seu vínculo em cima das eleições em nada influenciou o sentido de voto e espera um Dragão tão vibrante na receção aos leões como na goleada de 5-0 ao Benfica

Hoje é dia de clássico entre FC Porto e Sporting, mas boa parte da conferência de imprensa de antevisão de Sérgio Conceição foi dedicada à sua renovação de contrato e às eleições de ontem no emblema azul e branco. "O *timing* da renovação é o que menos belisca a opinião de todos os sócios que vão votar [as respostas aos jornalistas foram dadas quando a maioria dos sócios ainda não tinha votado], pois não vão decidir alguma coisa no último ou penúltimo dia. Foi meter no papel algo que já estava apalavrado com o nosso presidente", começou por destacar.

"Posso ter uma relação muito forte com o presidente, que além de presidente é meu amigo, mas isso não significa nada, pois ele pode não ver competência noutros amigos. Foi dessa forma que conseguimos, nos últimos sete anos, voltar a ter a hegemonia no futebol português e sermos o único clube Pentacampeão no país. Ao longo da minha estadia aqui, temos praticamente tantos títulos como os dois rivais juntos. Por isso, foi olhar para o que tem sido este passado recente, o presente e o futuro", acrescentou.

O técnico dos azuis e brancos foi questionado se o momento agitado do clube, com a realização das eleições, pode interferir no clássico. "Acho que nada do que gravita à volta dos clubes, que não o trabalho de campo e a preparação do jogo, pode interferir. Mas claro que causa algum ruído, o que não é benéfico e não conseguimos bloquear 100% o que se vai passando", afirmou, prosseguindo: "Ressaca das eleições? Se for a ressaca de ter bebido uns copos, isso é que seria mau [risos]. Mas estamos a falar da ressaca de um clube que está com uma vitalidade incrível, em que já votaram cerca de 7 mil sócios [à hora da conferência de imprensa], o que demonstra bem a paixão e tudo aquilo que é a vida do clube, porque quem faz e promove essa vida são os sócios. Felizmente temos muitos e muito apaixonados pelo clube e a prova disso é esta grande afluência às urnas."

O treinador dos azuis e brancos revelou, a propósito da eventual recuperação de Diogo Costa a tempo do jogo com o Sporting, que o guarda-redes "está melhor e vai entrar nos convocados". E disse que espera "um jogo dentro do que são os clássicos do futebol português, competitivo, no qual vão estar presentes duas equipas com qualidade individual e coletiva", desejando um ambiente no Dragão semelhante ao que foi vivido na goleada ao Benfica por 5-0.

"Espero que os adeptos vibrem e somos nós que temos de puxar por essa paixão, por essa interação com eles. É focarmos na nossa equipa e nas tarefas que temos de realizar, para fazermos um bom jogo e conseguirmos ganhar", destacou.

E sobre o facto de Rúben Amorim ter pedido desculpa pela viagem a Londres, atirou: "Não tenho de achar nada. Espero que a viagem não tenha tido turbulência e que tenha estado bom tempo. Era o que me faltava pronunciar-me sobre o que o Rúben faz na sua vida profissional."



PEDRO ROCHA / GLOBAL IMAGENS

"Por muito menos já tirei jogadores do plantel"

Rúben Amorim reconhece que errou ao viajar para Londres e confessa, a respeito do seu futuro, que "está perdido" e não sabe o que irá fazer. Sobre o jogo de hoje, espera que "seja o mais difícil do Campeonato"

Os sportinguistas estiveram os últimos dias à espera do que iria Rúben Amorim dizer sobre a sua viagem a Londres, na passada segunda-feira e, como não poderia deixar de ser, a primeira pergunta na conferência de imprensa foi a esse respeito. "O clube tinha conhecimento da minha viagem e a respeito do 'manto de secretismo', eu secretamente estacionei o carro cá fora, passei por 15 pessoas e cheguei a tirar fotografias no caminho, até entrar no avião. Há que retirar essa coisa de que tudo foi feito nas costas do clube. Mas o ponto mais importante é que foi um erro, o *timing* foi completamente desajustado", começou por referir.

"Ainda para mais, quando eu sou tão exigente para com os meus jogadores, dizendo-lhes que os problemas individuais não se podem sobrepor à equipa. Por muito menos já tirei jogadores do plantel do Sporting, foi uma falha minha e terei de viver com isso", acrescentou, sublinhando ainda: "Não é verdade que não dei explicações aos jogadores. Dei aos jogadores e ao *staff*. Agora, é seguir em frente, pedir desculpa aos sportinguistas, ao *staff* e, principalmente, aos meus jogadores."

O treinador do clube que lidera a I Liga prosseguiu com uma revelação. "É verdade que dei a palavra de que não haveria reunião, mas lá em casa também tinha dito que treinava mais um ano e depois ficaria um ano com eles, por isso, irei sempre desiludir alguém este ano. Agora, é focar no jogo e seguir em frente", realçou.

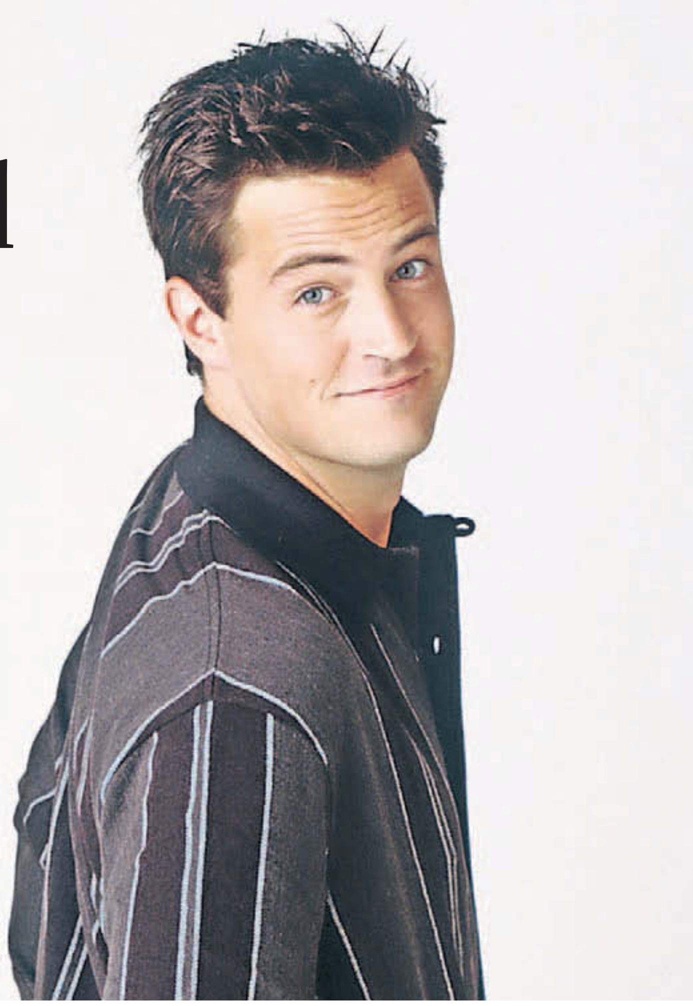
Rúben Amorim reconheceu ainda que "a [sua] incoerência foi óbvia e acontece a todos" e reconheceu: "Acho que perdi um bocadinho de crédito, principalmente também com o *staff*. Vou tentar recuperar isso, sou como vocês e erro. Não sei o que vou fazer e essa confusão também me leva a ter comportamentos que se calhar não devia ter. Estou mais perdido do que vocês, o que sei é que se não ganharmos títulos vou-me embora. O único objetivo é ser campeão e depois logo se vê."

Amorim entende, ainda assim, que o acontecimento por si criado "não terá influência na época, mas sim na forma como se olha para o jogo, quebrando alguma euforia dos adeptos e isso se calhar até é bom", embora reconheça: "Custa-me ser eu a quebrar isso... mas vai ter a mesma influência do jogo adiado [com o Famalicão]".

A propósito do clássico deste domingo com o FC Porto, referiu que "a sua importância é sempre grande, independentemente da classificação e por todas as condicionantes do jogo, será o mais difícil do Campeonato, devido ao clube que é e o treinador que tem, o Sérgio é muito orgulhoso". De resto, na sua opinião, a atual vantagem de 18 pontos dos leões face aos dragões "nem de perto, nem de longe espelha a real diferença entre as duas equipas".

Rúben Amorim revelou ainda que Matheus Reis e António Adán, devido a lesão, estão fora de hipótese para o clássico, enquanto Viktor Gyökeres "está em dúvida, com um pequeno problema".

Matthew Perry e a coisa terrível de que *Friends* não o salvou



LIVRO A autobiografia do falecido ator chegou há um mês às livrarias e tem estado nos lugares cimeiros dos *tops* de vendas. Não admira: *Friends, Amantes e Aquela Coisa Terrível* é a confissão por que os fãs de Chandler Bing ansiavam, com uma nudez de alma nada menos que impressionante.

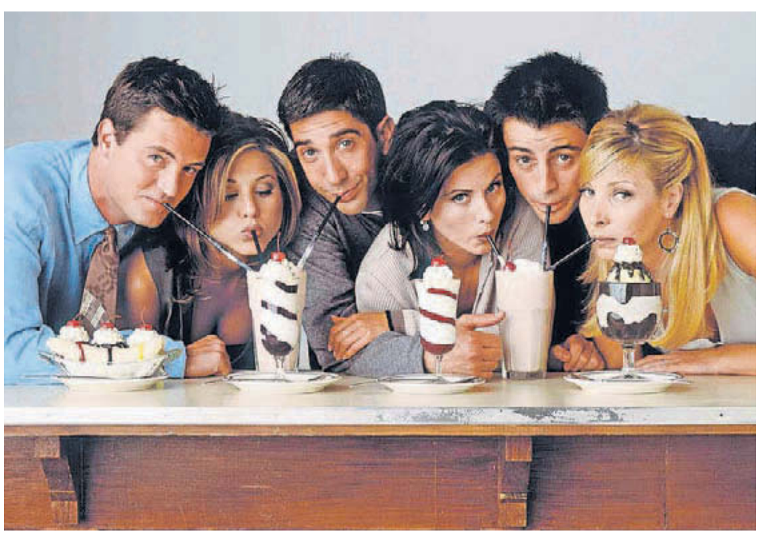
TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Não é preciso avançar muitas páginas para se sentir a vertigem. Na verdade, basta contar três linhas para se perceber ao que vamos. "Se quiserem, podem considerar o que vão ler como uma mensagem do além, o meu além" (quarta linha, antes do relato de uma experiência de quase morte; pausa para respirar). Estas são as palavras que Matthew Perry escolheu para dar as boas-vindas ao leitor de *Friends, Amantes e Aquela Coisa Terrível*, agora editado em Portugal (Casa das Letras, tradução de Renato Carreira). Um livro de memórias que teve o seu lançamento original em 2022 – um ano antes da notícia chocante, mas não totalmente inesperada, da sua morte, a 28 de outubro último –, trazendo ao conhecimento público uma batalha que vinha sendo travada no sigilo possível, entre muitas idas a hospitais e internamentos em unidades de reabilitação. A batalha contra o alcoolismo e a dependência de opiáceos. "Para me manter vivo, tinha-me transformado num doente profissional", conta.

Friends, Amantes e Aquela Coisa Terrível está repleto de frases assim, diretas, absolutamente avessas a qualquer dourar da pílula e empenhadas em manter o humor à tona, para afastar a depressão das imagens evocadas. Na realidade, outro tom não seria de esperar do ator que deu vida a Chandler Bing na série de sucesso internacional *Friends* (1994-2004), o tipo da masculinidade anedótica, vulnerável, com charme sarcástico a rodos. Uma personagem, como diz a certa altura, que nasceu no papel para ser levada ao ecrã por ele e mais ninguém (ainda antes de lhe ser atribuída).

"Quando li o guião de *Friends Like Us* [título de trabalho da série], foi como se alguém me tivesse seguido durante um ano, roubando as minhas piadas, copiando os meus maneirismos, fotocopiando a minha visão da vida, cansada e espirituosa. Uma personagem em particular destacou-se para mim: não é que eu pensasse que podia fazer de 'Chandler', eu era o Chandler."

Assumindo então o perfil que, para todos os efeitos, é o dele ("o meu estilo, o meu Chandler") Perry conduz-nos pela infância, adolescência, vida adulta e meia-idade daquele que nunca sentiu propriamente o quentinho do colo familiar: desde muito cedo, deram-lhe barbitúricos para acalmar o choro, tornou-se a "criança desacompanhada" em voos entre o Canadá e Los Angeles, devido à separação dos pais, iniciou-se no álcool aos 14 anos e, antes disso, aprendeu a refugiar-se em métodos para fazer as pessoas rir, apurando a receita até ser capaz de ir além da sombra do miúdo ávido por atenção.



Perry, Jennifer Aniston, David Schwimmer, Courteney Cox, Matt LeBlanc, Lisa Kudrow, o sexteto magnífico de *Friends*.

É uma junção de pontos que vão dando consistência óbvia à solidão do homem que escreve as memórias aos 52 anos, numa casa com vista para o Oceano Pacífico, porque precisa de sentir a segurança de "um lugar onde existe amor. Lá em baixo, algures naquele vale, ou naquele vasto oceano", esclarece, "é lá que está a paternidade. É lá que está o lar".

Lamechas? Não propriamente. Assim que as histórias da sua mudança para Los Angeles e a malfadada busca pela fama começam a encadear-se no livro, há uma luz que vinga, e algumas aventuras hollywoodescas que merecem ser lidas nas palavras do próprio – como um encontro com M. Night Shyamalan num bar ou o namoro com Julia Roberts –, mesmo quando a combinação de humor e algum excesso de franqueza pode não cair bem nos tempos que correm, em virtude das múltiplas sensibilidades. Afinal, ele assume-se como o ator que dormiu com meio mundo (as "amantes" do título) e acabou (acabou mesmo, mal sabia...) sem um único compromisso sério, além do seu trabalho em *Friends*.

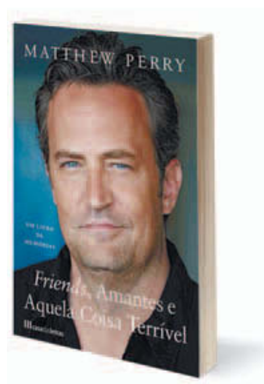
De resto, aí estava visível o seu monstro secreto, ainda que nunca tenha ido para o estúdio sob o efeito de substâncias: "É possível acompanhar a trajetória da minha dependência se medirmos o meu peso de temporada em temporada. Quando tenho peso a mais, é álcool. Quando estou magro, são comprimidos. Quando tenho uma barbicha, são muitos comprimidos."

Ao longo dos capítulos, com interlúdios, Matthew Perry está sempre a regressar à "Coisa Terrível" – até porque ela esteve sempre presente. Algures a misturar-se com os milhões, ganhos em episódios e gastos em reabilitação; ou a crescer dentro dele, em silêncio, ainda na época da sua memória preferida de infância (ver *Annie Hall* com a mãe); ou a alojar-se na magia de ter conhecido e contracenado com River Phoenix (*As Noites Loucas de Jimmy Reardon*, 1988); ou nos bons momentos passados com Bruce Willis (*Falsas Aparências*, 2000 e 2004); ou no melhor projeto de uma carreira, que conquistou o Globo (esse, claro); e, antes de tudo, na visão da fama como preenchimento de um vazio.

Ser famoso correspondia, na perspetiva cega do jovem Perry, à ausência total de problemas, ao passe de mágica que tudo resolve e torna a existência uma eternidade doce e imune aos males da vida: "Em 1986, tinha a certeza de que a fama iria mudar tudo e ansiava por ela mais do que qualquer outra pessoa à face do planeta. Precisava dela. Era a única coisa que me iria curar. Tinha a certeza disso. Vivendo em Los Angeles, de vez em quando encontrávamos uma celebridade ou víamos o Billy Crystal no Improv, reparávamos no Nicolas Cage na cabina ao lado e eu sabia que eles não tinham problemas. Na verdade, todos os seus problemas tinham sido eliminados. Eram famosos."

Não era assim, e nunca foi assim. Chandler/Matthew teve tudo o que a fama e o dinheiro podem dar. Mas nem o carinho de *Friends*, nem o facto de poder comprar casas com vista, ao ritmo que lhe apetecesse, o livraram da *Coisa Terrível*. E ele é brutalmente honesto sobre isso. Em termos literais: eis uma confissão que vem das entranhas.

dnot@dn.pt

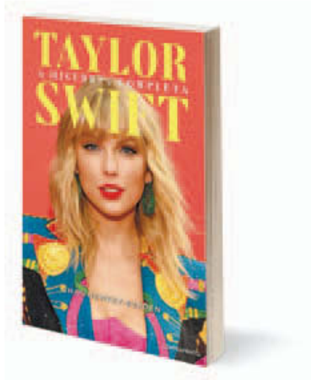


FRIENDS, AMANTES E AQUELA COISA TERRÍVEL
Matthey Perry
Casa das Letras
296 páginas

A onda dos livros de memórias de celebridades

Nos últimos dois, três anos, têm surgido no mercado português, com uma regularidade assinalável, edições portuguesas de biografias e/ou livros de memórias de gente famosa, que contemplam percursos mais ou menos longos, alguns com ângulos bastante específicos.

Ainda no mês passado foi anunciada a de Al Pacino, com o título *Sonny Boy*, a ser lançada em outubro (ed. Penguin Random House), e é daquelas que provavelmente não demorará muito a ter tradução portuguesa. Para já, eis algumas leituras biográficas recentes que se encontram nas nossas livrarias, ou estão prestes a ser lançadas.



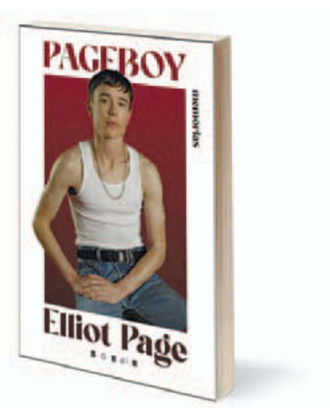
TAYLOR SWIFT: A HISTÓRIA COMPLETA
Chas Newkey-Burden
Edição Contraponto
304 páginas

Taylor Swift é o verdadeiro fenómeno de 2023, corroborado por prémios, recordes de vendas de álbuns, a eleição de "Personalidade do Ano" pela revista *Time* e o filme-concerto *The Eras Tour*, registo cinematográfico da histórica digressão da cantora, cujos concertos em Portugal, já esgotados, acontecem nos próximos dias 24 e 25 de maio. Era apenas natural que nesta altura surgisse mais qualquer coisa a cimentar a celebridade da jovem e poderosíssima artista norte-americana – vem na forma de uma biografia que fala da sua evolução no mundo da música, e enquanto mulher de negócios, desde os tempos na Pensilvânia ao estrelato radioso. O livro encontra-se em pré-venda e é lançado a 4 de julho.



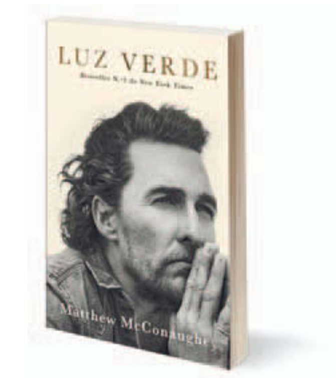
FAZ-TE ÚTIL: 7 REGRAS PARA A VIDA
Arnold Schwarzenegger
Edição Lua de Papel
224 páginas

Depois dos vídeos caseiros durante a pandemia, Arnold Schwarzenegger decidiu que estava na altura de transmitir alguns conselhos por escrito. O título *Faz-te Útil* é uma expressão do pai que o acompanha desde sempre, ajudando-o a ultrapassar as fases difíceis da vida (desde a infância pobre, em plena Segunda Guerra Mundial, na Áustria) e a resolver os problemas do dia a dia. O livro contém, portanto, as suas regras para uma espécie de "fazer acontecer", em termos de ambição pessoal. Relatos divertidos que põem o *bodybuilder*, estrela de cinema e ex-governador da Califórnia a refletir sobre a sua experiência e os benefícios de pensar em grande, apostando no trabalho árduo.



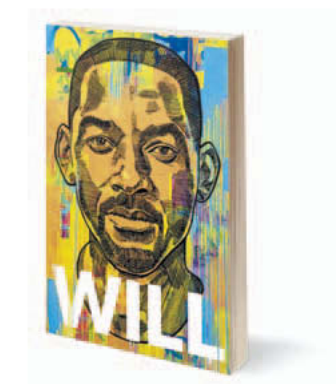
PAGEBOY
Elliot Page
Edição Vogais
288 páginas

Conhecemo-lo primeiro como Ellen Page, a atriz de *Juno* (2007), que nesse filme de Jason Reitman já nos fazia testemunhar um certo desconforto físico, tratando-se, para mais, de uma comédia dramática sobre uma gravidez indesejada. Vimo-lo, de filme para filme, a prosseguir com esse desconforto no grande ecrã, até se assumir, finalmente, como pessoa trans, que passou a responder pelo nome Elliot Page. O livro *Pageboy* é então a história de quem reprimiu, por demasiado tempo, a sua identidade, os seus desejos inconformados com o corpo, até conseguir libertar-se das expectativas dos outros e dar a volta ao seu pesadelo em Hollywood.



LUZ VERDE
Matthew McConaughey
Edição Lua de Papel
336 páginas

Notas diarísticas escritas ao longo de 35 anos estão na base deste *Luz Verde*, livro de memórias do ator oscarizado, que tenta transmitir algumas das lições aprendidas por entre os seus "sucessos e fracassos, alegrias e tristezas", como se lê na contracapa. Matthew McConaughey, com meio século de vida, explora o princípio da maturidade em ensinamentos pessoais que vão do sentido de justiça ao controlo do stresse, da diversão ao propósito de ser melhor pessoa. Em certa medida, é uma conversa consigo mesmo, apresentada como um elogio à vida, enquanto estrada com sinalética reconhecível: importa apanhar os sinais verdes.



WILL
Will Smith e Mark Manson
Edição Albatroz
452 páginas

Publicado antes do infeliz episódio da chapada nos Óscares de 2022, este relato da vida de Will Smith, escrito a quatro mãos (Mark Manson é o autor do sucesso de autoajuda *A arte subtil de saber dizer que se f*da*), faz o que todas a biografias fazem, procurando, a par com a trajetória do ator no cinema e na música, uma linha de introspeção que versa sobre uma tomada de consciência e a chegada a um ponto de bem-estar interior. O que lido hoje, convenhamos, não deixa de conter uma enorme ironia: "Will é a história de alguém que soube dominar as suas próprias emoções, escrita de forma a ajudar outros a fazerem o mesmo". Então e o que foi aquilo?

Prova de Vida*

Io Appolloni

TEXTO **ANTÓNIO ARAÚJO**

A escultural Io Appolloni, hoje rainha do *tiramisù*, teve uma vida bem cheia, seja no plano artístico, seja naqueloutro mais íntimo, que ela às paredes confessa, e do qual nos tem vindo a dar, de espaço a espaço, certas e breves notas, todas apimentadas. Em Junho de 2021, por exemplo, manteve com Daniel Oliveira uma "conversa aberta e sem filtros" em que falou de um outro Oliveira, esse Camilo e com estilo, pelo qual teve uma paixão assaz tórrida, toda carnalmente motivada: "Apaixonei-me pelo Camilo por causa do sexo. Com o Camilo, descobri o prazer sexual. Descobri que se pode ter 1, 2, 4, 13 orgasmos. Impressionante."

Mais recentemente, na *TV Guia*, de 12 de Outubro de 2023, avançou um pouco mais nessa novela camiliana, revelando: "Com o Camilo, no período em que estivemos juntos, se não me falha a memória, fizemos sexo todos os dias. Sexualmente funcionávamos muito bem." No final da notícia, rematou a *TV Guia*, com ponta de malícia ou invídia: "O actor *acabou por morrer*, em 2016, aos 91 anos." (Itálico acrescentado).

Apesar de já entradota, Io tem mantido presença assídua na mídia, a um ritmo torrencial e quase sempre em registo escandaloso, para dizer o mínimo. Assim, e a voo de pássara pela imprensa mais recente: "Io Appolloni muda de vida e desfaz-se de quinta de 1 milhão" (*Correio da Manhã/Vidas*, de 27/1/2021), "Obrigada a mudar de vida aos 76 anos: Io Appolloni põe casa à venda com todo o recheio e memórias" (*Flash!*, de 19/3/2021); "Io Appolloni vence depressão" (*Flash!*, de 29/10/2022); "Io Appolloni fica sem carro por causa de dívida de 10 mil euros" (*Nova Gente*, de 15/10/2023), "Io Appolloni revoltada com a burla da mãe de Sara Barradas: 'Eu cuspia na cara dela'" (*A Televisão*, de 4/2/2021); "Io Appolloni ignorada pelos filhos!" (*Dioguinho*, de 18/10/2023); "Io Appolloni: 'Mostrava completamente o rabinho, era lindíssimo'" (*Impala*, de 15/3/2017); "Io Appolloni: 'Fui a primeira mulher em Portugal a dizer que tinha praticado um aborto. Senti mesmo na carne o que é o horror'" (*Expresso*, de 28/6/2021); "Io Appolloni não tem netos, mas vai ser 'avó' em experiência com famosos" (*Jornal de Notícias*, de 25/2/2020); "Io Appolloni foi atropelada e o condutor fugiu" (*Correio da Manhã/Vidas*, de 27/6/2021); "Filho de Io Appolloni burlado por mãe de Sara Barradas" (*idem*, de 5/2/2021); "Io Appolloni dá passo atrás e vai participar no *Hell's Kitchen – Famosos*" (*Dioguinho*, de 6/6/2023); "Io Appolloni fez uma cirurgia plástica à cara e ao pescoço" (*Caras*, de 9/4/2008). "Io Appolloni assume ter sido vítima de violência doméstica" (*Impala*, de 16/3/2017), "Io Appolloni dá estouro em Marco Paulo" (*Dioguinho*, de 21/8/2021); "Io Appolloni *vs.* Diogo Amaral. Uma história de amor--ódio entre concorrentes" (SIC, 20/12/2023); "Io Appolloni doente desde que veio da Tribo!" (*Por Outro Olhar*, de 24/5/2011); "Io Appolloni revela história de sexo clandestino em livro" (*Sábado*, de 3/3/2017); "Sozinha e sem ninguém. Io Appolloni acusa filhos de se esquecerem dela" (*Notícias do Jet7*, de 18/10/2023); "Io Appolloni desmente notícias da imprensa" (Goucha, de 27/7/2021); "Io Appolloni fala sobre ausência de Sara Barradas: 'Levava porrada se aparecesse no funeral'" (*Correio da Manhã/Vidas*, de 21/5/2021).

Eis uma pálida imagem do que tem sido a vida pública desta mulher-furacão, por uns chamada "a mais portuguesa das actrizes italianas", por outros "a mais italiana das actrizes portuguesas", já que, na verdade, Io tem duas pátrias, a transalpina e a lusa, tendo a primeira começado em 19 de Março de 1945, em Camino di Verchiano, Concelho de Foligno, Perúgia, com o nome de Giuseppa (Giuseppina) Appolloni, e a segunda em Lisboa, a 19 de Março de 1975, quando foi naturalizada portuguesa como Jusepa Appolloni.

Nasceu na miséria, ou quase, pois seu pai, Bernardino Appolloni, recusara filiar-se no Partido Fascista e alinhar com os *Camisas Negras*, e, em resultado disso, ficou sem trabalho na lavoura, sendo obrigado a fazer-se sapateiro; a mãe, Giacomina, era doméstica, cuidava da casa e dos quatro filhos, num núcleo familiar a que se juntavam o irmão do pai de Io e a sua mulher, mais dois filhos destes, formando um agregado de 10 pessoas que tentavam sobreviver entre os escombros de uma Itália devastada pela guerra.

Antes de Io nascer, os Appolloni tiveram outra menina Giuseppina, que faleceu aos 17 meses, não lhe valendo o facto de a mãe ter feito uma caminhada de mais de 15 quilómetros a pé, com ela ao colo, para consultar um médico. A futura actriz seria baptizada com o nome da irmã defunta, pese isso ser considerado de mau augúrio, pois nasceu no Dia de São José e era esse o nome do seu avô materno.

Aos 5, 6 anos, ao frio e à chuva da Úmbria profunda, já levava as ovelhas a pastar para o campo, falando ou brincando com elas como se fossem suas amigas ou as bonecas que não teve. Entre as suas recordações de infância, uma missa solene cantada na igreja da aldeia mais próxima, Verchiano, num Natal ou numa Páscoa, e onde ela, sem razão algum, deu por si a chorar copiosamente, episódio que ainda hoje a intriga. Noutra lembrança, recorda-se de que um dia, quando ia ao colo do seu pai num passeio pela aldeia, Bernardino levou-a para casa e improvisou para ela um espectáculo com sombras chinesas que a deixou deslumbrada.

Ao contrário da tia Nunziata, que a mimava muito ("minha querida tia"), tinha uma relação mais tensa com a mãe, mulher rígida e austera, mas ainda assim lembra o facto extraordinário de, um dia, Giacomina lhe ter levado o almoço à escola e de terem ido comer juntas para o meio do campo, num piquenique de burguesas: "Comemos *gnocchetti*, uma massa que se faz com o resto da massa do pão. Foi uma surpresa que me ficou na memória, aquele sabor e cheiro de pequenos pedaços de massa enrolados e temperados com azeite, alho, tomate, salsa, manjericão e queijo ralado que a minha mãe, imagina, me foi levar", contou Io ao seu biógrafo, Carlos Quintas, no livro *Io Appolloni – Uma Vida Agridoce* (Guerra & Paz, 2017), a quem confidenciou outras memórias da sua infância pobre e agreste: "Só tinha direito a uma laranja inteira quando apanhava uma valente gripe… estás a perceber? É que, duma garfada de azeite, saía um pingo para cada um… parece que ainda sinto o cheiro do molho da *fettucine* feito pela minha adorada tia Nunziata, que me ajudou a nascer. Só muito mais tarde voltei a sentir aquele cheirinho. Sabes porquê? Vim a saber que ela lhe juntava cravinho e que o queijo era das nossas ovelhas, ralado e maduro."

Quando tinha 10 anos, o seu pai foi para Roma em busca de melhor sorte. Sem profissão definida, Bernardino tocava acordeão nas esplanadas, nos restaurantes, em bares e cafés e, com muito sacrifício e esforço, conseguiu arrendar uma casa no bairro popular de Torpignattara, Via della Marranella (curiosamente, onde Pasolini filmaria mais tarde Accattone), e mandou vir a família para a Cidade Eterna.

Clara, a filha mais velha, casara--se quando Io tinha 3 anos e fora viver para a aldeia do marido, S. Martino, e o irmão Sinibaldo alistara-se nos *Carabinieri*, em Bolzano, de modo que, para Roma, foram apenas a mãe Giacomina, Io e o mano Gerardo, que se empregou num bar a ganhar 50 liras ao dia e depois, com a ajuda da mãe, abriu um estabelecimento seu no Bairro de Trastevere.

Para matricular a filha num colégio de freiras, Giacomina teve de pedir 30 mil liras a um notário conhecido – "Como não ter admiração por esta mãe?", pergunta Io, e bem –, mas a rapariga cumpriu, fez a instrução primária, e até se mostrou uma católica devota: ia à missa, comungava todos os dias, gostava de ficar sentada sozinha na igreja, gozando o silêncio de Deus.

Concluídos os estudos básicos, Giacomina quis que Io tirasse um Curso de Corte & Costura, para começar a trabalhar quanto antes, mas o irmão Sinibaldo, numa das suas visitas a Roma, disse que a rapariga merecia melhor destino e persuadiu os pais a pagarem-lhe o Secundário e, mais tarde, um Curso de Secretária Comercial. Viviam-se ainda os tempos negros do pós-guerra e Io lembra-se de, muito nova, ainda ir à igreja buscar farinha, açúcar, chocolate em pó e outros mantimentos que ofereciam aos mais necessitados.

Apesar da pobreza, a jovem era curiosa, sedenta de saber mais, e, por volta dos 12, 13 anos, já era frequentadora assídua do Centro Cultural Americano que abrira na sua rua.

> **"Apesar da pobreza, a jovem era curiosa, sedenta de saber mais, e, por volta dos 12, 13 anos, já era frequentadora assídua do Centro Cultural Americano que abrira na sua rua. Em 1961, (...), viu um anúncio para um *casting* da produtora Titanus, onde procuravam rostos que ombreassem com as das belezas do cinema italiano."**

Em 1961, quando estudava para secretária comercial, viu um anúncio para um *casting* da produtora Titanus, onde procuravam rostos que ombreassem com as das belezas do cinema italiano da época, como Gina Lollobrigida ou Claudia Cardinale. Feita a sessão fotográfica, ficou boquiaberta quando a revista *ABC*, uma das mais populares da altura, fez uma página inteira com ela, facto que desagradou ao namorado que então tinha, o qual, imagine-se, começou a bater-lhe, roído de ciúmes. "Atirei-lhe o anel e acabou-se!!! Hoje penso com orgulho que foi o meu primeiro gesto revolucionário."

Pensando em voos mais altos, o irmão Sinibaldo aconselhou-a a tirar um curso de actriz, concorrendo ao Centro Sperimentale di Cinematografia. Entre quatro mil candidatos, Io ficou em 7.º, o que, além da continuação dos estudos, lhe dava direito a uma bolsa de 30 mil liras com almoço incluído.

Dona Giacomina, claro, desaprovou, apavorada com a perspectiva de a filha seguir uma carreira quase igual ao meretrício; durante 20 dias, trancou-a em casa, gritou, esbracejou, argumentou, mas não conseguiu demover Io do seu sonho e intento.

No Centro, teve aulas de dicção, *ballet*, representação, história da arte e do cinema, equitação, etc., foi aluna de Orazio Costa e de Andrea Camilleri e, por um acaso, tomou café várias vezes ao lado de Elizabeth Taylor e de Richard Burton, que ali gravavam algumas cenas épicas do não menos épico *Cleópatra*.

Entretanto, e como prémio de boa aluna, foi ao *Festival de Veneza de 1963*, e aí conheceu Pier Paolo Pasolini, que a convidou para participar, ainda que num papel secundário, nas filmagens de *Comizi d'Amore*, um documentário sobre os hábitos amorosos e sexuais dos italianos no pós-guerra, com depoimentos de cidadãos comuns e de Alberto Moravia, Giuseppe Ungaretti e Oriana Fallaci, entre outros. Depois disto, fez dois outros filmes, que ficariam inacabados por falta de verba, participou no videoclipe de uma canção com Ornella Vanoni, gravou uma rábula com Carlo Croccolo, fez figuração em *A Pantera Cor-de-Rosa*, com Claudia Cardinale *et all.*, entre outros trabalhos menores.

Em Outubro de 1963, estreou-se no teatro, no *Piccolo dell'Eliseo*, com Tino Scotti, em peça cujo nome nem sequer recorda e onde utilizou pela última vez o seu nome de baptismo, Giuseppina. Pouco depois, Lino Haggiag, produtor da Dear Film, sugeriu-lhe que adoptasse um nome mais artístico e apelativo e propôs-lhe "Io", contracção do latim Iosephus.



VÍTOR HIGGS / DN

> **Ainda que meteórica, a sua passagem pela cinematografia espanhola captou atenções do lado de cá da fronteira: Magê, a famosa redactora da revista *Plateia*, escreveu uma crónica sobre ela e deu-lhe honras de capa. Foi sucesso imediato.”**

Em Veneza, além de Pasolini, conhecera o espanhol Cesáreo González, lendário produtor dos filmes de Sara Montiel, Lola Flores, entre outros, que a convidou a contracenar numa fita com Joselito. Em Novembro de 1963, a mãe acompanhou-a ao aeroporto, onde ela, vestida a preceito, com um casaco cor de mostarda e gola de raposa, embarcou rumo a Madrid e a um cachê milionário de 300 mil liras, além de tratamento de luxo, com hospedagem num hotel de cinco estrelas e motorista à porta. Comprou de imediato um casaco de astracã, mais tarde oferecido à irmã, e, enquanto isso, rodou *Louca Juventude*, cujas filmagens deveriam durar 20 dias, mas que se arrastaram mais de três meses, tendo por resultado uma película com a seguinte sinopse: “Johnny Durán, de 17 anos e filho de um multimilionário, chega a Madrid para passar as férias. Na capital tornou-se amigo de um grupo de meninos e meninas com quem compartilha grandes momentos, mas logo ele percebe que eles são um clã de bandidos e decide distanciar-se.”

Terminadas as filmagens, instalou-se numa bonita casa na Calle Conde de Penhalver, matriculou-se numa escola de flamenco, onde foi aluna do mesmo professor de Joselito, e, claro, continuou a trabalhar, seja como cantora num casino de Gibraltar – a sua primeira experiência vocal –, seja como actriz secundária em *Los Pianos Mecánicos*, de Juan Bardem (tio de Javier Bardem), onde contracenou ao lado de Melina Mercouri, Hardy Krüger e James Mason.

Na rodagem, feita em Cadaqués, foi alvo de um piropo de um pintor da terra, de nome Salvador Dalí (“*usted tiene unos ojos muy bonitos*”). E em Madrid, nas tertúlias do Café Gijón, conheceu Miró, que logo ali lhe fez o retrato, num pedaço de papel que, como é evidente, ainda hoje conserva.

Ainda que meteórica, a sua passagem pela cinematografia espanhola captou atenções do lado de cá da fronteira: Magê, a famosa redactora da revista *Plateia*, escreveu uma crónica sobre ela e deu-lhe honras de capa. Foi sucesso imediato. Eduardo Damas, empresário do Maria Vitória, viu a beldade na revista, contactou-a, contratou-a.

Ainda a fazer 20 anos, Io desembarcou em Lisboa aos 27 de Fevereiro de 1965, tendo a aguardá-la as câmaras da RTP, a imprensa falada e escrita, o empresário Eduardo Damas, Camilo de Oliveira e Florbela Queiroz, esta de *vison* vestida (e lenço na cabeça). Da língua portuguesa sabia dizer “obrigada”, mas ao fim de dois meses já dava entrada na peça *Sopa no Mel*, ao lado do galã Camilo, fazendo este de inspector das alfândegas no aeroporto de Lisboa e ela de ingénua turista estrangeira. Na cena, Camilo mandava-a abrir a mala, tirar a roupa, e ela obedecia, até ficar somente de biquíni, em exposição *urbi et orbi* do seu corpinho bem feito – 1,63m de altura, 54 quilos, medidas 91 x 58 x 91 cm –, com um diamante no umbigo, que Io fazia balancear, enquanto Camilo gemia, todo maroto: “Agite, agite… agite antes de usar!” Urros da plateia.

Já fora do palco, envolveram-se ambos os dois. Ele, 20 anos mais velho e casado, saiu de casa, largou a legítima (que, em *vendetta*, lhe limpou a conta bancária, deixando-o com cinco contos), e foi viver para um quarto alugado. Por norma, o que acontece num quarto alugado fica num quarto alugado, mas, neste caso, saltou para as páginas 48 e seguintes da biografia oficial de Io Appolloni, que a Carlos Quintas confessou, entre o mais, que “o coração e as hormonas têm muita importância na vida das pessoas, pelo menos para mim” e que “nunca pensara que o acto sexual acontecesse tão assiduamente, quando muito de vez em quando.”

Além desse acto, que é muito e tanto, do romance com Camilo, a actriz recorda o comportamento imprevisível dele, que tanto era capaz de estar uma hora a fazê-la rir com anedotas atrás de anedotas, como logo a seguir ficava neurótico, seja lá o que isso for. De permeio, cenas românticas com toque selvagem, como daquela vez em que ele a levou ao Sanzala, um restaurante africano para as bandas do Campo Grande, e lhe cobriu a cara toda com chantilly, lambendo-a de seguida. Em resultado disso, ou doutra coisa que o valha, Io ficou de esperanças,

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

mas decidiu abortar, de comum acordo com o companheiro. Recorreu ao clandestino, o único que então havia, correu mal, passou uma temporada larga em Santa Maria, onde Camilo a visitou amiúde, tão amiúde que, um dia, conta ela, foram ambos os dois apanhados na cama, para escândalo da enfermeira.

"Éramos mesmo inconscientes", remata Io, que connosco partilha também: *primo*, que teve um momento místico enquanto actuava no Casino da Madeira, em função do qual decidiu terminar a relação amorosa, mas, uma vez regressada a Lisboa, foi tal o apelo das carnes (ou, nas suas palavras "o poder atómico do sexo") que tudo ficou como dantes; *secundo*, que, uma vez, estando os dois a jantar no restaurante Manel, ao Parque Mayer, a legítima de Camilo irrompeu por ali adentro e, puxa não puxa, vai que não vai, atirou-lhe a ele, a ele Camilo, uma garrafa à cabeça, que por um triz falhou o alvo, isto é, a cabeça de Camilo; *tertio*, que, por andar envolvida com Camilo, homem casado, foi chamada à PIDE, a qual lhe deu 48 horas para abandonar o país, mas que, sendo um dos autores da revista *Sopa no Mel*, Aníbal Nazaré, compincha e amigalhaço de Silva Pais, director da sinistra, acabou por ficar tudo nas já clássicas e bem portuguesas águas de bacalhau (*codfish waters*).

De seguida, novas e populares rábulas em *Viva o Velho*, no Maria Vitória, peça em que António Mourão imortalizou "Ó Tempo, Volta para Trás", e *Esta Lisboa que eu Amo*, no Monumental, em 1966, pela mão de Vasco Morgado, contracenando com vedetas como o citado Camilo, Maria Dulce, José Viana, Nicolau Breyner, Carlos José Teixeira e a malograda Anabela. Fazia de turista estrangeira, como sempre, e teve um sucesso estrondoso: sala de mil pessoas, esgotadas duas sessões por dia; actuações todos os dias da semana, incluindo aos sábados e aos domingos (nestes, com três sessões: *matiné* e duas nocturnas); uma loucura durante dois meses e meio, até que, vá-se lá saber como e porquê, "um dia embrulharam-se todos à pancada e… pum!!! Acabou!"

Em menina, Io tivera uma paixão platónica por Napoleão Bonaparte e pelo seu cavalo branco. Agora, a conjunção carnal com Camilo, apesar de favorecida pelos astros (*in casu*, Leão e Peixes), atravessava alguns sobressaltos, os quais não impediram, contudo, a nascença de um filho em comum e que Io prosseguisse a sua carreira brilhante: esteve na Broadway e no Brasil, estrelejou em *Duas Pernas e um Milhão* (Capitólio, 1967) e, sobretudo, acima de tudo, em *O Vison Voador*, a convite de Raul Solnado, e com um elenco de luxo: Artur Semedo, Vasco de Lima Couto, Maria Paula, Fernanda Borsatti, Giorgina Cordeiro, David Silva, Maria Gonzaga, e encenação de Paulo Renato. A seguir, *Alto Lá Com Elas*, no ABC, 1970, ao lado de Camilo de Oliveira, Ivone Silva, Tony de Matos e a infausta Maria Laurent, que escandalizaria Lisboa, no *Verão Quente* de 1975, ao fazer nu integral em *Mostra-me a Tua… Piscina*, mas "que infelizmente, por diversas razões pessoais, teve um fim triste e trágico", refere Carlos Quintas na biografia da sua santa Appolloni.

Esta, entretanto, andou em *tournée* pelas áfricas – Angola, Moçambique, África do Sul – com a peça *O Vison Voador*, tendo chegado a actuar para as tropas portuguesas aí estacionadas em combate. No regresso a Lisboa, coisa menos coisa, descobriu que Camilo a enganava, ademais com uma colega, actriz ligeira e feiíssima.

Saiu de casa, com fragor e estrondo, levando apenas os lençóis bordados com o seu nome, três colheres, três garfos e três facas, e foi viver para o apartamento que tinha comprado em Miraflores. Apesar da ruptura, e porque, como diz, "trabalho é trabalho, conhaque é conhaque", iria contracenar com Camilo em *Uma Cama Para Toda a Gente* (Teatro Laura Alves, 1972).

Em Fevereiro de 1972, na casa de Artur Semedo, conheceu um homem charmoso e culto, jornalista e crítico de cinema, Eduardo Geada, ao qual se atirou "desavergonhadamente" e com quem, não muito depois, iniciou uma relação duradora. Graças a ele, diz, começou "a ver o mundo por um outro prisma", mais intelectual e sério, menos revisteiro e brejeiro. Ao lado de Luís Nunes e de Artur Semedo (e, já agora, de David Mourão-Ferreira e de Eduardo Prado Coelho), entrou no primeiro filme dele, *Sofia ou a Educação Sexual*, de 1973, obra dividida em três partes – *Iniciação*, *Prática*, *Recapitulação* – e que versa uma jovem da alta burguesia, recém-regressada de um colégio da Suíça, que se instala no chalé de família, em Cascais, e aí descobre que o pai atraiçoa a mãe com uma Laura. A censura marcelista, obviamente, não permitiria a exibição da película, a qual só seria estreada após o 25 de Abril, a 1 de Outubro de 1974, no cinema Estúdio 444, então gerido por Almeida Faria.

Logo depois de Sofia, regresso aos palcos, com *A Cama dos Comuns* (Variedades, 1973, com Simone, Ruy de Carvalho, Canto e Castro, Manuela Maria, Armando Cortez) e *Relações Sexuais* (Villaret, 1974, com Badaró, Guida Maria, Carlos Coelho e Pedro Pinheiro).

O 25 de Abril apanha-a em Elvas, onde se encontrava em *tournée* com *Dois no Guarda Vestidos*.

Io, que na altura andava a ler *Portugal e o Futuro*, recorda a confusão no elenco, com Guida Maria a gritar para regressarem *ASAP* a Lisboa, Carlos Coelho a querer fugir para a sua casa na aldeia e o produtor a decidir que deviam continuar a actuar, o que fizeram em Vila Viçosa, ainda nesse dia inicial, inteiro e limpo, sem que na plateia se notasse especial frémito revolucionário. Só no dia 1 de Maio, regressada a Lisboa, pôde enfim abraçar o companheiro e festejar a liberdade.

Pela mão de Rogério Paulo, filiou-se no PCP, enquanto Geada optou por navegar nas águas turvas do MES. Em 1975, ano em que obteve a nacionalidade portuguesa, largou de vez o teatro comercial e tentou entrar em vários grupos de teatro experimental, independente ou de pesquisa, mas todos lhe fecharam as portas, não querendo no seu elenco uma antiga vedeta da revista.

Vedada esta via revolucionária, acompanhará o companheiro por terras da Guarda, onde este fazia um documentário sobre as fundas transformações em curso, e, no âmbito das campanhas de dinamização cultural do MFA, chegou a formar um grupo de teatro em Manteigas, do qual pouco ou nada se sabe. Em contrapartida, sabe-se, isso sim, porque ela o conta, que Io Appolloni e umas colegas foram proibidas de visitar o quartel local, onde iam amiúde para doutrinação e convívio, com o argumento, algo bárbaro e fascista, de que andavam a desencaminhar a soldadesca viril.

Embrenhado na Revolução, Geada quase se esqueceu dela. Passavam meses sem falarem um com o outro e, às tantas, Io começou a dizer às amigas que, mais cedo ou mais tarde, aquela relação tão aberta acabaria por terminar. Antes disso, tiveram uma filha juntos e Appolloni entrou em mais duas fitas dele, *O Funeral do Patrão*, de 1975, e *A Santa Aliança*, de 1980, ambas bastante representativas do "cinema militante" daquela época: uma abordando uma greve numa fábrica e um patrão explorador; outra lidando com uma importante família de financeiros à nora com a Revolução, com Io no papel de "militante ingénua e voluntarista" e Lia Gama como uma "burguesa excessiva que se entendia, transgride e morre".

> **"Em menina, Io tivera uma paixão platónica por Napoleão Bonaparte e pelo seu cavalo branco. Agora, a conjunção carnal com Camilo, apesar de favorecida pelos astros (*in casu*, Leão e Peixes), atravessava alguns sobressaltos, os quais não impediram a nascença de um filho em comum e que Io prosseguisse a sua carreira brilhante."**

Entretanto, Geada partiu para Londres, com uma bolsa de estudos, e pouco ou nada lhe ligou enquanto lá esteve. Quando regressou a Lisboa, a relação estava terminada e Io, de novo só, entregou-se toda ao teatro ou, mais precisamente, a *Guilherme e Marinela*, que subiu ao palco no Satélite, em 1978, e que era uma peça antimachista, cujo cartaz provocante, com ela nua de costas, sentada sobre os calcanhares, fez esgotar as bilheteiras de Lisboa e Porto. As imagens promocionais acusavam, de resto, alguma crueza, pois sobre o seu corpo estavam recortadas as partes da carne da vaca, daquelas que vemos no talho, com um acém para o lado, a pá para outro, o cachaço e lombo e por aí fora, graça que a levou a ser chamada à Judiciária, por ofensa à dignidade das mulheres (e a RTP, é claro, apesar de ter gravado a peça, nunca a mandou para o ar). Em 1979, nova chamada à Gomes Freire, desta feita por ter revelado no *Directíssimo*, de Joaquim Letria, que já tinha feito um aborto.

Nos Anos 1980, viveu um novo amor, um engenheiro de som do Teatro Nacional, que com ela manteve uma vida dupla, pois era e permaneceu casado, e que, cinco anos volvidos, no estertor da relação, chegou a agredi-la com certa violência. Mais tarde, no *Festival de Cinema de Tróia*, conheceria um "professor universitário de Ciências Sociais e Humanas", dotado de uma "consciência política poderosa." Deu-se o "clique", *dixit* ela, sem nomear o marido.

Em 1995, outra mudança de vulto: depois de ter tirado um curso na Escola de Hotelaria de Lisboa e feito um *tiramisù* no programa *Parabéns*, de Herman José, decidiu trocar os palcos pelos fogões, dedicando-se de corpo e alma à culinária doceira, fazendo jus, alvitramos nós, à primeira máxima de Brillat-Savarin, segundo a qual "o universo não é nada sem a vida, e tudo o que vive se alimenta." (*Fisiologia do Gosto*, trad. portuguesa, Relógio D'Água, 2010, p. 33).

Dois anos depois, deu à estampa *Os Doces da Io*, com prefácio de Maria de Lourdes Modesto e fotos de Homem Cardoso, galardoado com o Garfo Literário, do Instituto do Gosto e dos Aromas, e começou a vender para fora: primeiro perto de casa, no Le Petit, de Algés, depois para O Polícia, o Pingo Doce, o Continente, o bar do Instituto de Beleza Ayer, a Casa do Marquês, o Casino do Estoril.

Foi tal o êxito que, às tantas, a cozinha da casa de Miraflores não dava para as encomendas. Com os lucros, comprou um terreno em Cabanas de Palmela, construiu uma casa espaçosa, onde pensou terminar os dias com o novo companheiro, não se tivesse dado o caso de este a ter atraiçoado e, depois, abandonado. Io refugiou-se então na cozinha e no ioga, bem como no poder dos astros. Um profissional deste ofício prognosticou, porém, que, a partir dos 50 anos, iria ficar só, sem ilusões, mas que iria ter uma vida bonita – e que morreria em Portugal.

Desde aí, entrou em algumas novelas (v.g., *O Último Beijo*; *Floribella*; *Água de Mar*, *Mar Salgado*), participou no filme *Transe*, de Teresa Villaverde, mas escassearam os convites para o que mais gostava – o teatro – e os negócios da culinária entraram em plano inclinado. Em 19 de Março de 2012, dia do seu aniversário, foi ao contabilista e fechou para sempre a empresa, com o atendível argumento de: "Não quero aturar mais filhos da puta, quero viver mais alguns anos!"

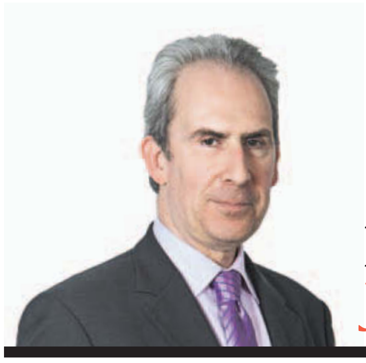
A participação em dois *reality shows* (*Perdidos na Tribo*, de 2011, e *Hell's Kitchen – Famosos*, de 2023) fê-la entrar, em definitivo, na esfera do "social" e das revistas cor-de-rosa, que têm animado com os ingredientes da praxe: desavenças familiares, maleitas do foro psíquico, trapalhadas nos negócios, confissões muito escaldantes.

Militante do PCP durante anos, até por respeito à histórica Alda Nogueira, sua madrinha de casamento, hoje está apolítica, mas sempre vai dizendo, entre o mais, que é excessivo o número dos deputados que temos. Por ora, está mais serenada, ou antes assim parece, mas cuidado, que esta *donna è mobile* e nunca se sabe onde bate e como bate um coração independente como o dela.

Um dia, muito criança, quando apascentava as ovelhas na sua Úmbria natal, chovia que Deus a dava, perdeu as socas na lama, nunca mais as encontrou. Hoje é actriz famosa, conheceu Dalí, Miró, James Mason, Elizabeth Taylor, Richard Burton, e pode orgulhar-se de ter tido uma vida plena e intensa, toda feita por ela, uma mulher de garra e de raça, e, logo, com muita graça.

**Prova de vida (43) faz parte de uma série de perfis*

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.



Entre as imagens
João Lopes

A arte de fotografar e escutar

Reencontrei esta fotografia de Salgueiro Maia num contexto surpreendente e sedutor. Da autoria de Rui Ochoa, integra o teledisco de *O Dia Mais Bonito*, canção composta e interpretada por João Gil para o seu novo álbum (*Só Se Salva o Amor*, a ser lançado no dia 10 de maio). Aliás, o teledisco, produzido pela ADLC-Audiovisuais, com cuidada edição de Raquel Silva, é todo ele construído a partir de imagens de Ochoa, publicadas no livro *74-99*, uma antologia fotográfica dos 25 anos vividos a partir de 25 de Abril de 1974 (ed. Casa das Letras, 2023).

A fotografia é, em si mesma, um espantoso documento, dando a ver um Salgueiro Maia diferente de qualquer estereótipo, seja ele político ou épico. Não se trata, entenda-se, de esquecer ou minimizar outras notáveis imagens, de outros fotógrafos, que fazem parte da iconografia histórica de Salgueiro Maia e do 25 de Abril. Acontece que esta é uma fotografia cuja "neutralidade" resiste a todas as formas de manipulação mediática — sem esquecer que há um infeliz "simbolismo", pueril, sempre à beira do pitoresco, que continua a proliferar em muitas linguagens televisivas.

Que vemos, então? Alguém que não pode ser reduzido a mero "emblema" de um acontecimento histórico, por mais que esse acontecimento lhe tenha conferido um lugar central na nossa memória coletiva. E recordamos o lema de Roland Barthes — "isto aconteceu" — quando analisava fotografias que nos instalam no paradoxo que cruza a certeza do facto com o indizível do tempo que passou. Eis um rosto de serena expressividade, um olhar de uma só vez transparente e enigmático; acima de tudo, eis uma presença que consagra um valor tão desvalorizado nos tempos que correm: a escuta.

A imagem encerra o teledisco, reforçando um tom de observação, atenta e pedagógica, que se entrelaça com a singeleza do poema: "Sou do tempo do porque sim / Sou do tempo do porque não", canta João Gil logo a abrir. A depurada energia do rosto de Salgueiro Maia a pontuar esse final resulta também de uma montagem em que as memórias não estão antecipadamente codificadas (reconheço o preconceito cinéfilo: evito a palavra "edição", prefiro dizer "montagem").

O olhar fotográfico de Ochoa nasce de uma genuína disponibilidade para as singularidades dos eventos. Daí a pluralidade das imagens que "ilustram" *O Dia Mais Bonito*. Pode ser um grupo de crianças de riso cristalino, num cenário de evidente pobreza. Ou o Terreiro do Paço no tempo em que funcionava como imenso parque de estacionamento. Ou ainda um tanque do Exército, no dia 25 de Abril, a subir a Rua Augusta, superando qualquer cliché decorativo ou turístico. Pode ser apenas uma jovem, anónima, misteriosa, a contemplar a objetiva.



Salgueiro Maia fotografado por Rui Ochoa, ou a partilha de um instante.

As coisas vão-se diversificando com o aparecimento de figuras públicas: Álvaro Cunhal e outros elementos do Partido Comunista, sentados no Parlamento, a lerem os jornais do dia; Diogo Freitas do Amaral, Francisco Sá Carneiro, Mário Soares e Álvaro Cunhal num estúdio da RTP, aguardando o início de um debate sobre o "poder local"; Ramalho Eanes, com outros militares de abril, algures no final de uma reunião, numa partilha de sorrisos contagiantes. Nesta última imagem, o olhar feliz de Eanes parece dirigir-se ao próprio fotógrafo, não à procura de qualquer efeito de "pose", antes partilhando com ele a irredutibilidade do aqui e agora.

Há outros momentos marcados por variações da mesma natureza: alguém parece destacar-se do coletivo que integra e contempla o trabalho do fotógrafo — por exemplo, o velho que, no centro da imagem, se alheia daquilo que talvez seja uma fila de espera para as primeiras eleições livres… não sabemos se imobilizado pela solenidade da situação ou indiferente a tudo o que o rodeia.

> **"As imagens de Rui Ochoa 'ilustram' uma nova canção de João Gil, celebrando a vibração histórica de cada instante."**

Há ainda outra maneira de dizer tudo isto: o labor fotográfico de Rui Ochoa é estranho a qualquer estratégia de *voyeur*. Cada imagem nasce de um genuíno prazer de participar no acontecimento a que, afinal, o fotógrafo também pertence. Por vezes, a aparente ligeireza do momento surge tocada por uma vibração envolvente, sem nome: deparamos com Amália Rodrigues, sentada, chávena de chá nas mãos, dois guitarristas atrás de si, a contemplar com evidente concentração algo que está a acontecer… fora do campo da imagem.

Nunca vemos tudo, eis a lição ética e estética. Compreendemos que cada fotografia não esgota, nem pretende esgotar, a complexidade da realidade à nossa volta. O que mais importa é a partilha daquele instante com Salgueiro Maia — e sentimos que também parámos para escutar.

Jornalista

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1					■						■
2					■						
3							■				
4			■					■			
5	■	■							■		
6						■					
7			■							■	■
8				■					■		
9					■						
10							■				
11	■						■				

Horizontais: **1.** Reduzir a pó. Basta! (interjeição). **2.** Apogeu. Peça de vidro usada para cobrir preparações para observação ao microscópio. **3.** Camada superficial e dura que envolve um corpo. Governador árabe. **4.** «A» + «o». Cais. Avançavam. **5.** Mata vedada. «De» + «a». **6.** Cidade do Norte de África, situada no extremo oriental do estreito de Gibraltar. Obrigar a aceitar. **7.** Antes do meio-dia. Ordem oficial afixada em lugares públicos ou publicada nos jornais. **8.** Cloreto de sódio. Discursar. Cálcio (símbolo químico). **9.** Círculo. Fictício. **10.** Latada. Início do crepúsculo matutino. **11.** Não deixar sair. Ratar.

Verticais: **1.** Espécie de padiola para transporte de doentes. Associar. **2.** Metal precioso de cor amarela. Exalar. **3.** O «eu» psíquico. A tua pessoa. Aparelho com que se dirige embarcação ou avião. **4.** Libertação. Latim (abreviatura). **5.** Vedado. Preposição que designa posse. **6.** Albumina que envolve a gema do ovo. Matizar. **7.** Hectare (símbolo). Publicar. **8.** Nome da letra M. Prender. **9.** Dei gemidos. Plural (abreviatura). Ligação (figurado). **10.** Amigo. Pavimento de uma casa, inferior ao nível da rua. **11.** Montar. Levantar.

SUDOKU

8	6			7	3	4	5	9
			4	5				
4	7							
3						5		4
1		4			2		9	7
		7		4	6			
	4				5			
	5		7			8		
					4		7	5

SOLUÇÕES

8	6	1	2	7	3	4	5	9
2	3	9	4	5	8	7	1	6
4	7	5	9	6	1	3	2	8
3	2	6	1	9	7	5	8	4
1	8	4	5	3	2	6	9	7
5	9	7	8	4	6	1	3	2
7	4	8	3	2	5	9	6	1
6	5	2	7	1	9	8	4	3
9	1	3	6	8	4	2	7	5

Palavras Cruzadas

Horizontais: 1. Moer. Chega. 2. Auge. Lamela. 3. Crosta. Emir. 4. Ao. Gare. Iam. 5. Tapada. Da. 6. Ceuta. Impor. 7. AM. Edital. 8. Sal. Orar. Ca. 9. Anel. Irreal. 10. Ramada. Alva. 11. Reter. Roer.

Verticais: 1. Maca. Casar. 2. Ouro. Emanar. 3. Ego. Tu. Leme. 4. Resgate. Lat. 5. Tapado. De. 6. Clara. Iriar. 7. Ha. Editar. 8. Eme. Amarrar. 9. Gemi. Pl. Elo. 10. Aliado. Cave. 11. Armar. Alar.

Chef Luís Gaspar
Receita de bacalhau confitado



Ingredientes
(para 4 pessoas)

- 4 lombos de bacalhau
- 2 cebolas
- 2 alhos
- Salsa – q.b.
- Paprika fumada – q.b.
- 1 folha de louro
- Azeite virgem extra – q.b.
- 6 ovos Classe M
- 200 gramas de batata palha
- Flor de sal – q.b.
- Pimenta preta – q.b.

Confeção

- Limpar as espinhas e barbatanas do bacalhau e reservar.
- Cortar os lombos de bacalhau de forma uniforme
- Colocar o bacalhau, as espinhas e barbatanas num tacho e cobrir com azeite, aromatizar com um dente de alho e folha de louro. Cozinhar lentamente, no mínimo durante 15 minutos até começar a lascar.
- Retirar os lombos de bacalhau e reservar.
- Passar o azeite por um coador e levar ao lume lentamente.
- Descascar e laminar a cebola e o alho.
- Fazer uma cebolada com a cebola, o alho e azeite.
- Deixar cozinhar lentamente até a cebola ficar dourada, temperar com flor de sal, pimenta e paprika fumada.
- Assim que a cebola estiver cozinhada e dourada, adicionar metade da batata palha e envolver.
- Juntar os ovos batidos e envolver, no mínimo, com a restante batata palha para que fique bem cremoso e homogéneo.
- Adicionar a salsa picada.
- Com a ajuda de uma varinha mágica *emulsionar* o azeite até ficarmos com o *pil pil* de bacalhau bem leve e cremoso como se fosse uma espuma.
- Empratar o Brás num prato, sobrepor com o lombo de bacalhau confitado.
- Finalizar com o *pil pil* de bacalhau.

TEXTO E EDIÇÃO **FILIPE GIL**

A acompanhar

Para harmonizar com este prato, o *chef* Luís Gaspar aconselha o vinho Terras de Lava branco, do Pico, Açores.



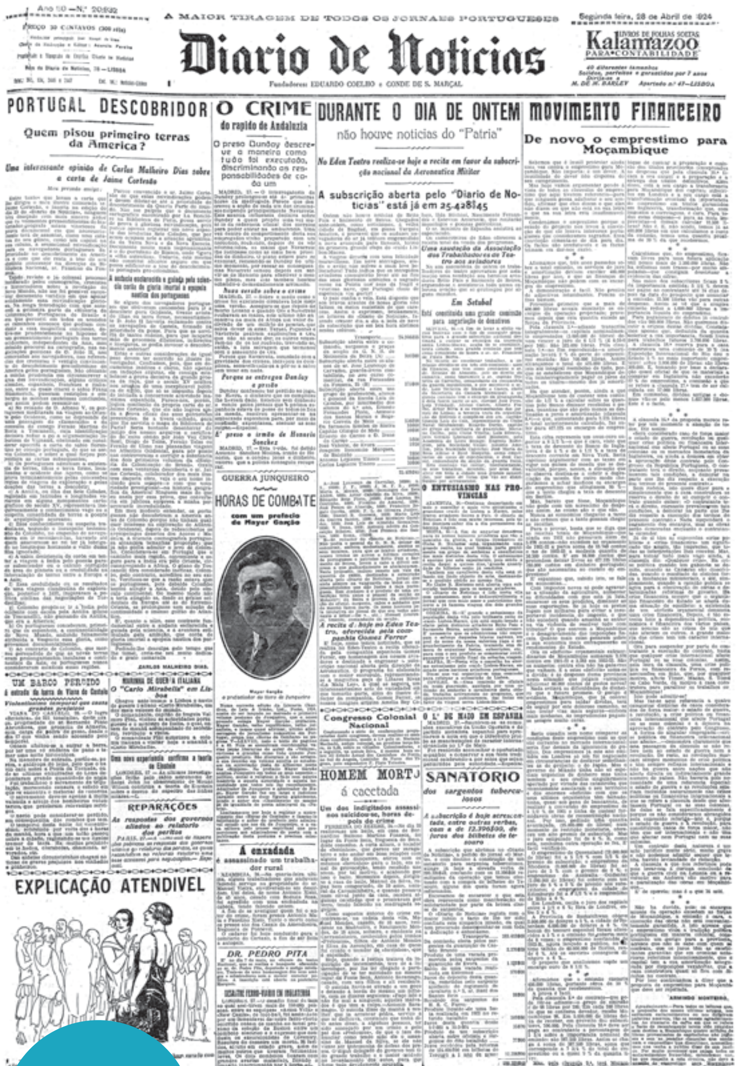
Dica do *Chef*

O bacalhau tem um ponto de cozedura muito delicado e sensível. A melhor técnica para cozinhar o bacalhau no ponto é confitar. Esta técnica consiste em cozinhar o bacalhau a baixa temperatura em azeite abundante preservando toda a textura e sabor do bacalhau. Quando o bacalhau começar a libertar uns *pontinhos brancos*, significa que está a libertar o seu colagénio e está cozinhado. Devemos, nesta altura, desligar o lume e deixar que o bacalhau acabe de cozinhar com a temperatura residual.



O *Chef*

Criativo, metódico, plural: Luís Gaspar decidiu aos 15 anos entrar na Escola Profissional de Leiria, cidade onde nasceu, em 1991. Atualmente, faz consultoria em vários restaurantes da Plateform. Em 2023, recebeu a distinção *Chef de L'Avenir*, pela Academia Internacional de Gastronomia.



O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 28 DE ABRIL DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

UM BARCO PERDIDO à entrada da barra de Viana do Castelo

Violentissimo temporal que causa grandes prejuizos

VIANA DO CASTELO, 26. — O lugre «Britonia», de 221 toneladas, desta praça, propriedade do sr. Bernardo Pinto Abrunhosa, que procedia de Almeria, com carga de pedra de gesso, desde o dia 17 que vinha sendo acossado pelo temporal.

Ontem afoitou-se a entrar a barra, por ter uma só andaina de pano e temer uma noite tormentosa.

Na manobra de entrada, partiu-se, porém, a galdropa do leme, pelo que o navio caiu sobre a Ponta da Tornada, onde as ultimas enxurradas do Lima depositaram grande quantidade de areia.

Foi trabalhoso o salvamento da tripulação, merecendo censura o estado em que se encontra o material de socorros.

O salvamento deve-se apenas á muita valentia e arrojo dos bombeiros voluntarios, que prestaram relevantes serviços.

O navio pode considerar-se perdido, em consequencia dos rombos que tem.

O temporal desta noite foi violentissimo, sobretudo por volta das 4 horas da manhã, hora a que um tufão passou sobre a cidade, registando-se um ligeiro tremor de terra. Ha muitos prejuizos em telhados, claraboias, chaminés, arvoredos, etc.

Das aldeias circunvizinhas chegam noticias de graves prejuizos nos vinhedos e pinheiros.

MARINHA DE GUERRA ITALIANA

O "Carlo Mirabella" em Lisboa

Chegou ante-ontem a Lisboa o navio de guerra italiano «Carlo Mirabella», um dos mais velozes do mundo.

O comandante, capitão de fragata Valmiro Pini, visitou as autoridades portuguesas e o ministro de Italia, o qual, ontem de manhã acompanhado do secretario, retribuiu a visita.

O comandante Pini autorizou a colonia italiana a visitar hoje e amanhã o «Carlo Mirabella».

Uma nova experiencia confirma a teoria de Einstein

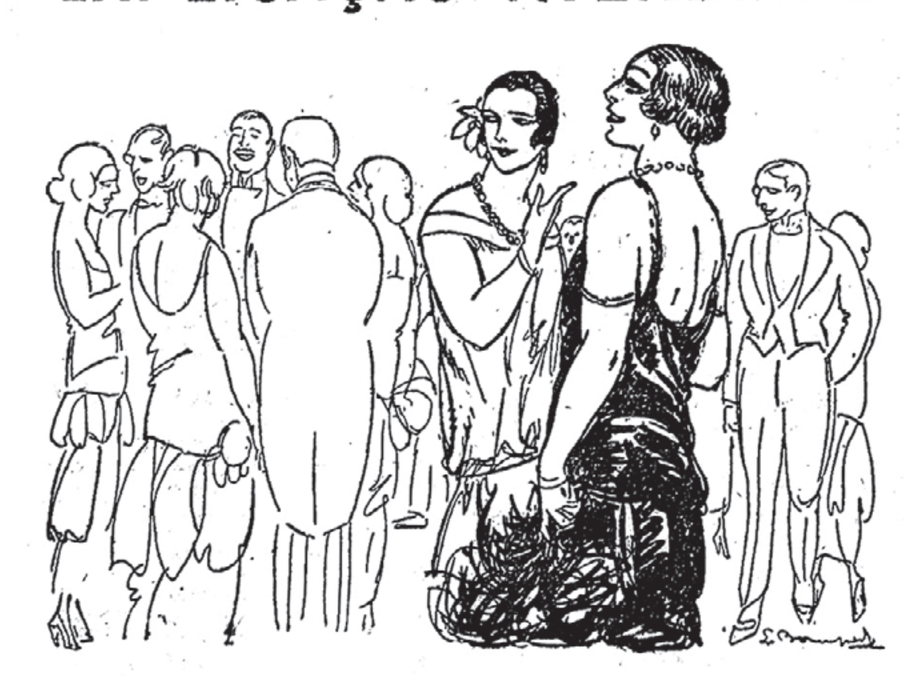
LONDRES, 27 — As ultimas investigações feitas pelo sabio astronomo dr. Saint John no observatorio de Mount Wilson confirma a teoria de Einstein sobre o desvio do espectro das linhas solares.—L.

REPARAÇÕES

As respostas dos governos aliados ao relatorio dos peritos

PARIS, 27.—*A comissão de Reparações publicou as respostas dos governos aliados ao relatorio dos peritos, as quais reconhecem no referido relatorio uma base aceitavel para negociações.— Especial.*

EXPLICAÇÃO ATENDIVEL



—Não te parece muito singular que estes três irmãos tenham casado com três irmãs?

—Singular? Não acho. Assim, têm apenas uma sogra.

PORTUGAL DESCOBRIDOR

Quem pisou primeiro terras da America?

Uma interessante opinião de Carlos Malheiro Dias sobre a carta de Jaime Cortesão

Meu prezado amigo:

Entre tantos que leram a carta que lhe dirigiu o meu ilustre camarada sr. Jaime Cortesão, e inserta na edição do dia 19 do «Diario de Noticias», ninguem terá desejado com mais sincero ardor que os veementes pressentimentos do historiador-geografo saiam vitoriosos da prova documental em que necessariamente terá de assentar, como uma estatua no seu plinto, como um capitel na sua coluna, a sensacional reivindicação para os navegadores portugueses da prioridade no descobrimento da America e com que ele reata a tése do seu distinto antecessor na direcção da Biblioteca Nacional, sr. Faustino da Fonsêca.

Tendo revisto o já colossal processo instaurado pelos cosmografos, cronistas e historiadores sobre a revelação do Novo Mundo, não me foi possivel encontrar documento veridico em que apoiar solidamente essa reivindicação gloriosa. Na longa Introdução com que antecedi a primeira parte da «Historia da Colonização Portuguesa do Brasil» e em que percorri em todos os sentidos os caminhos sinuosos que podiam conduzir a essa magnifica conclusão, detive-me prudentemente na hipotese de um pressentimento português das terras ocidentais, independentes da Asia, mas debalde procurei na cartografia, nas negociações politicas de D. João II, nas concessões aos navegadores, nas referencias dos cronistas o vestigio convincente do descobrimento pre-colombino da America pelos portugueses. Não obstante a minha prudencia em circunscrever a área das reivindicações, alguns criticos alemães, espanhois, franceses e italianos, entre os quais citarei o sabio Franz Hümmerich, puseram restrições e embargos ás minhas cautelosas conclusões, que assim podem resumir-se:

a) No reinado de D. Afonso V, os portugueses meditaram na viagem ao Oriente pelo Ocidente, como se depreende de uma passagem do «Esmeraldo» e da consulta do conego Fernão Martins de Roriz a Toscanelli, cuja identificação decisiva reduz a pó a argumentação laboriosa de Vignaud, obstinado em considerar apocrifa a carta do sabio florentino ao conego português, de que se serviu Colombo, e sobre a qual forjou porventura as cartas subsequentes;

b) Os portugueses admitiam a existencia de terras, ilhas e terra firme, localizadas a ocidente dos Açores, como se prova terminantemente pelas concessões régias de viagens de exploração e pelas doações das terras a descobrir;

c) A Antilia, ou ilha das Sete Cidades, registada em latitudes e longitudes variaveis em alguns monumentos cartograficos do seculo XV, representava inequivocamente o conhecimento vago ou a suspeita consolidada de terras a poente do arquipelago açoreano;

d) Esse conhecimento ou suspeita traduzia-se, segundo o insuspeito testemunho de Colombo, no empenho de navegadores em ir reconhecê-las, havendo até quem asseverasse ao rei ter já lobrigado no longinquo horizonte o vulto duma ilha ignorada;

e) A sabia desistencia da corôa em tentar a viagem á India pelo poente parece subentender ou o calculo corrigido da área do planeta ou a credulidade na intercalação de terras entre a Europa e a Asia;

f) Essa credulidade ou os resultados de uma viagem clandestina de exploração, posterior a 1492, inspiraram a politica sibilina das negociações de Tordesilhas;

g) Colombo propôs-se ir á India pelo ocidente com escala pela Antilia (plano de Toscanelli), não passando da Antilia, que era a America;

h) Os portugueses conceberam, primeiro que os espanhois, a continentalidade do Novo Mundo, andando falsamente atribuida a Vespucio essa gloria, como provamos documentalmente;

i) Ao contrario de Colombo, que morreu persuadido de que as novas terras eram prolongamentos, insulares e continentais da Asia, os portugueses nunca consideraram asiaticas essas regiões.

Parece convencido o sr. Jaime Cortesão de que estas reivindicações podem e devem dilatar-se até á prioridade do descobrimento da Quarta Parte do mundo. Não me palpita que o documento cartografico encontrado por La Roncière na Biblioteca de Paris, possa servir de prova á gloriosa reivindicação, pois parece apenas registrar um novo aspecto das lendarias Sete Cidades, que por acaso ocupam nele a situação aproximada da Terra Nova e da Nova Escocia. Documento muito mais impressionante é o do portulano de Bianco, onde figura a «ilha autentica». Todavia, este mesmo não constitui alicerce seguro em que possa edificar-se a tése do descobrimento português pre-colombino.

A audacia esclarecida e guiada pela sciencia corôa de gloria imortal a epopeia nautica dos portugueses

Se algum dos navegadores portugueses que obtiveram concessões para ir a descobrir para Ocidente, tivesse avistado ilhas ou terra firme, necessariamente D. João II haveria reclamado contra as navegações de Castela, firmado na prioridade da posse. Para que se serviria de tantos rodeios, para que lançaria mão de processos dilatorios, indirectos e inseguros, se podia invocar o descobrimento anterior?

Estas e outras considerações de igual peso devem ter ocorrido ao ilustre investigador. Confiamos, pois, que em documentos inéditos e claros, não apenas em induções argutas, ele consiga estabelecer a prova decisiva da grande proeza da raça, que o seculo XV ocultou nos arcanos de uma inexplicavel politica de sigilo, que só se impunha depois de iniciada a concorrente actividade maritima espanhola. Parece-nos, porém, logica conclusão da propria carta do sr. Jaime Cortesão, que ele não logrou ainda a prova eficaz das suas patrioticas presunções. Se a tivera achado, para que lhe serviria o mapa da Biblioteca de Paris? Seria bastante desenterrar do jazigo dos nossos arquivos o certificado do exito obtido por João Vaz Côrte Real, Diogo de Teine, Fernão Teles ou Fernão de Ulmo nas planeadas viagens no Atlantico Ocidental, para pôr ponto nas controversias e corrigir a substancia dos dois primeiros volumes da «Historia da Colonização do Brasil». Oxalá com essa venturosa descoberta o sr. Jaime Cortesão, colaborador dos mais ilustres daquela obra, veja o seu nome incluido para sempre—e com que notoriedade prestigiosa!—na historia geografica da America! Ninguem mais do que eu anela por essa prova, que converteria em jubilosa surpresa a minha perseverante incredulidade.

Em meu modesto entender, os portugueses não descobriram a America antes de Colombo porque não tinham qualquer interesse na exploração do Atlantico Ocidental, depois de redescobertos os arquipelagos desertos dos Açores e Madeira. A sciencia cosmografica portuguesa alcançára tamanhas proporções que já não podia admitir o erro de Colombo. Considerava-se em Portugal que o caminho mais rapido, conveniente e seguro para a India era pelo Oriente, circunnavegando a Africa. O plano de Toscanelli fôra considerado ineficaz. Colombo, pelo contrário, acreditou no seu exito. Verificou-se que a razão estava com os portugueses, pois debalde Colombo tentou atingir a Asia, detido pelo obsculo continental. Do mesmo modo não a teria atingido se, desde as praias ocidentais da Europa até ás do Extremo-Oriente, se prolongasse sem solução de continuidade o imenso golfão do Atlantico.

E', quanto a mim, esse contraste fundamental entre a audacia esclarecida e guiada pela sciencia, e a aventura estimulada pela ambição, que corôa de gloria imortal a epopeia nautica dos portugueses.

Pedindo-lhe desculpa pelo tempo que lhe tomei, creia-me seu muito dedicado e grato camarada

CARLOS MALHEIRO DIAS.

O CRIME

do rapido de Andaluzia

O preso Dunday descreve a maneira como tudo foi executado, discriminando as responsabilidades de cada um

MADRID, 27. — O interrogatorio de Dunday prolongou-se até ás primeiras horas da madrugada. Parece que descreveu a acção de cada um dos criminosos culpando principalmente Navarrete. Este exercia influencia decisiva sobre Dunday a quem propôs uma vez muni-lo da caderneta oficial dos correios para poder entrar na ambulancia. Uma vez dentro do compartimento daria aos empregados vinho preparado com um narcotico, roubando, depois de os vêr adormecidos, as malas que Navarrete lhe indicasse como as mais bem providas de dinheiro. O plano esteve para se executar, recusando-se Dunday no ultimo momento, por recear as consequencias Navarrete oensou depois em servir-se de Honorio para efectivar o mesmo plano, mas este tambem hesitou achando-o demasiadamente arriscado.

Nova versão sobre o crime

MADRID, 27. — Sobre o modo como o crime foi executado circulava hoje mais uma versão. Assegura-se que depois de morto Lozano e quando Ors e Navarrete roubavam as malas, este ultimo não encontrou na mala de Africa um valor declarado de um milhão de pesetas, que sabia dever lá estar. Teruel, Piqueras e Navarrete pediram explicações a Ors, que não as soube dar; os outros acusaram-no de os ter roubado, travando-se, então, a luta selvagem que terminou com o assassinio de Ors.

Parece que Navarrete, assustado com a gravidade dos crimes, increpou os cumplices, aconselhando-os a pôr-se a salvo sem tocar em nada.

Porque se entregou Dunday á prisão

Dunday confessou ter perdido ao jogo, no Havre, o dinheiro que os cumplices lhe haviam dado. Estando sem dinheiro e vendo pelos jornais que a policia espanhola estava de posse de todos os fios da meada, resolveu apresentar-se na embaixada espanhola para, por meio da confissão expontanea, atenuar as suas culpas.—Especial.

E' preso o irmão de Honorio Sonchez

MADRID, 27. — Esta tarde, foi detido Antonio Sanchez Molina, irmão de Honorio, que escondeu joias e dinheiro, valores que a policia conseguiu recuperar.

totoloto SORTEIO: 034/2024
CHAVE: 17-28-30-41-43 + 01
NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS



André Villas-Boas, de 46 anos, é o novo presidente do FC Porto

PEDRO GRANADEIRO / GLOBAL IMAGENS

FC Porto. Eleições históricas dão presidência a Villas-Boas

DRAGÃO Quase 27 mil portistas acorreram às urnas e decidiram uma mudança de era no clube. Quarenta e dois anos depois, Pinto da Costa deixa a cadeira de poder para André Villas-Boas, seu ex-treinador.

TEXTO **RUI FRIAS**

Eleições históricas no FC Porto. Com a maior afluência de sempre às urnas no clube, os sócios portistas decidiram colocar um ponto final no reinado de Pinto da Costa, ao fim de 42 anos, e dar a André Villas-Boas a cadeira do poder no Dragão.

À hora de fecho desta edição não havia ainda resultados oficiais, mas todas as projeções saídas das 44 mesas de voto indiciavam uma vitória de Villas-Boas, por uma margem na ordem dos 60-40%, o que motivou desde logo os festejos na sede de candidatura do antigo treinador. A pedido de André Villas-Boas, a contagem dos votos foi acompanhada pela PSP.

Pelas 11.00 da noite, Vítor Baía, vice-presidente do FC Porto e membro da candidatura de Pinto da Costa, assumiu a derrota do ainda presidente.

Encerradas as urnas no Dragão, o FC Porto anunciou a votação de 26 741 sócios portistas, o que fez destas, de longe as mais concorridas eleições da história do FC Porto, com Pinto da Costa, André Villas-Boas e Nuno Lobo a disputarem a presidência para o mandato 2024-2028.

Um número que quase triplicou o anterior máximo fixado em 1988, quando 10 731 sócios selaram a primeira de duas vitórias de Pinto da Costa sobre o médico José Martins Soares. A afluência deste sábado no Dragão ultrapassou também, por exemplo, o máximo registado em eleições do Sporting: 22 510 em 2018. Mas o recorde absoluto em eleições dos órgãos sociais de clubes portugueses continua a pertencer ao Benfica, que contabilizou 40 115 em 2021, aquando da primeira eleição do atual presidente 'encarnado' Rui Costa.

Entre os candidatos, André Villas-Boas votou por volta do meio-dia e realçou "um ato democrático". "O mais importante é que o presidente eleito seja o presidente de todos os portistas, que o clube volte a focar-se na sua vida. É um sinal de vitalidade, importante para o FC Porto, dará seguramente mais força ao presidente eleito".

Líder do FC Porto desde 1982, Pinto da Costa, de 86 anos, procurava prolongar o reinado no Dragão para um 16.º mandato seguido. O presidente que foi diversas vezes eleito de forma isolada enfrentou oposição nas urnas apenas pela quarta vez e votou antes das 15.00, tendo recusado prestar declarações. Mais tarde, ao Porto Canal, manifestou-se confiante e lançou farpas à Lista B, de Villas-Boas. "Fez tudo para dividir o clube, inclusive para influenciar os resultados das nossas equipas como provarei quando isto acalmar", disse.

Já Nuno Lobo, candidato pela Lista C, mostrou-se satisfeito perante a grande afluência e anunciou já vontade de recandidatar-se em 2028.

Secretário de Estado de Portas na lista do Chega às europeias

ELEIÇÕES Almeida Leite, que teve a seu cargo os Negócios Estrangeiros e Cooperação no Governo de Passos Coelho, é o quarto da lista encabeçada por Tânger Corrêa. Em terceiro vai Mariana Nina, uma ex-dirigente da IL.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

O ex-secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação Francisco Almeida Leite, que integrou o Governo de Passos Coelho quando Paulo Portas tutelava a diplomacia portuguesa, é o número 4 do Chega às eleições europeias de 9 de junho. A lista completa de candidatos ao Parlamento Europeu do partido de André Ventura tem de ser entregue até amanhã, mas o DN apurou que a inclusão de Almeida Leite está garantida.

Atual diretor executivo da UNITE, rede parlamentar para a Saúde Pública criada e presidida pelo ex-deputado do PSD Ricardo Baptista Leite, o ex-jornalista do DN e antigo vogal da administração do Instituto Camões Francisco Almeida Leite foi escolhido pelo Chega para um lugar considerado elegível. André Ventura deixou claro que pretende vencer as eleições europeias e os 18,4% atribuídos ao seu partido pela sondagem da Aximage que o DN publicou no domingo passado confirmam que a eleição de quatro eurodeputados é realizável.

Encabeçada pelo embaixador Tânger Corrêa, que é vice-presidente do partido, a lista do Chega também inclui o professor universitário Tiago Moreira de Sá, especialista em Relações Internacionais, que foi deputado do PSD na anterior legislatura, por convite do então líder social-democrata Rui Rio, e recusou um inelegível 25.º lugar na lista da Aliança Democrática pelo Círculo de Lisboa.

Também candidata ao Parlamento Europeu é Mariana Nina, que será a terceira da lista, ao que o DN apurou. A antiga conselheira nacional da Iniciativa Liberal desfiliou-se desse partido após a vitória de Rui Rocha e aderiu ao Chega, como outros membros da ala conservadora dos liberais, incluindo Nuno Simões de Melo, eleito para a Assembleia da República pelo Círculo da Guarda. Enfermeira de profissão, Mariana Nina foi a oitava candidata do Chega pelo Porto, ficando à beira de um lugar no hemiciclo de São Bento.

É a primeira vez que o Chega participa em eleições europeias, embora André Ventura tenha sido cabeça de lista da coligação Basta em 2019. Ainda sem o seu partido legalizado pelo Tribunal Constitucional, avançou com as siglas do Partido Popular Monárquico (PPM) e do Partido Cidadania e Democracia-Cristã (PPV-CDC), não indo além de 49 496 votos (1,49%), que não lhe deram um lugar no Parlamento Europeu, mas ajudaram a que, meses mais tarde, se estreasse na Assembleia da República.

Os deputados que o Chega eleger a 9 de junho vão integrar-se na família europeia Identidade e Democracia, que junta partidos de direita radical e extrema-direita, como a Reunião Nacional (França), Liga (Itália) e Alternativa para a Alemanha (AfD).

DN

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Secretário-geral** Afonso Camões **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56619